



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O GOVERNO TEMER RETRATADO
NAS CAPAS DO GLOBO E DO EXTRA
(2016-2018)**

CAINÃ DE OLIVEIRA JORGE DITTRICH

Rio de Janeiro

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O GOVERNO TEMER RETRATADO
NAS CAPAS DO GLOBO E DO EXTRA
(2016-2018)**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo.

CAINÃ DE OLIVEIRA JORGE DITTRICH

Orientador: Prof. Me. Dante Gastaldoni

Rio de Janeiro

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

DITTRICH, Cainã de Oliveira Jorge.

O governo Temer retratado nas capas do Globo e do Extra
(2016-2018). Rio de Janeiro, 2018.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Dante Gastaldoni

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O governo Temer retratado nas capas do Globo e do Extra (2016-2018)**, elaborada por Cainã de Oliveira Jorge Dittrich.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof^o. Me. Dante Gastaldoni
Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof^o. Dr. Antonio Pacca Fatorelli
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof^a. Dr^a. Victa de Carvalho Pereira da Silva
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Rio de Janeiro

2018

DITTRICH, Cainã de Oliveira Jorge. **O governo Temer retratado nas capas do Globo e do Extra (2016-2018)**. Orientador: Dante Gastaldoni. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho pretende verificar de que maneira dois jornais pertencentes ao Grupo Globo, *Extra* e *O Globo*, retrataram a figura de Michel Temer ao longo dos dois anos de seu mandato, através das fotos publicadas em suas capas, enfatizando possíveis conexões entre imagens, textos e mancha gráfica. Para contextualizar tal objeto de análise, se debaterá a respeito da construção histórica proporcionada pelo aparato fotográfico, seus impactos nas estruturas comunicativas do século XXI, e, particularmente, como o uso político da fotografia surge e se consolida. Tendo em vista se debruçar diante de tal temática, a pesquisa realiza um apanhado histórico acerca do fotojornalismo mundial englobando a política, como o fotojornalismo se consagra no Brasil e quais as ferramentas utilizadas por distintas publicações na construção de suas narrativas e visões de mundo. O cerne, portanto, é apontar de que maneira Temer acaba por ser retratado em uma publicação de viés mais elitizado e, simultaneamente, em um jornal que possui como público-alvo camadas mais populares – por fim, explicitando as diferentes lógicas de produção operadas por cada um destes veículos.

Palavras-chave: Fotojornalismo brasileiro; fotojornalismo; Michel Temer; O Globo; Extra.

AGRADECIMENTOS

Aos primeiros professores com os quais a vida me agraciou: meu pai e minha mãe. Tudo que possuo hoje, de irrelevantes bens materiais, aos meus imprecificáveis estudos e minha educação, devo a vocês. Vocês sempre foram minha base ao longo de minha vida, incentivando-me para virtualmente qualquer escolha que eu fizesse. Agradeço-lhes profundamente. Amo-lhes infinitamente.

A cada professor que agraciou minha vida, até a chegada na universidade, encorajando-me e me incentivando a nunca virar as costas para meus estudos. Foram incontáveis escolas pelas quais passei, cada uma com seus desafios particulares, e certamente não tenho como agradecer pelo que cada um de vocês fez por mim ao longo deste caminho. Bianca Barraca, Luiz Alfredo, Ricardo Catarina, William Carvalho, Angela Leite e tantos outros que irreversivelmente me influenciaram. Devo uma parcela incomensurável do que sou hoje a vocês. Uma vez dentro da universidade, a todos os professores que enriqueceram positivamente meu curso de graduação, e a todos os técnicos que me auxiliaram ao longo dela – em particular, Cicinho, que me concedeu a dívida da revelação fotográfica.

Ao professor responsável por me fazer nunca deixar de questionar minha realidade – por conseguir me fazer deixar de olhar exclusivamente para a feiura ou a desordem no mundo. Por conseguir me fazer ver a beleza. Acreditar que há uma ordem para nossos dias, um propósito; especialmente no complexo curso em que nos inserimos. Foi graças a ele que consegui enxergar mais o lado bom de minha profissão do que o contrário, e acredito piamente que ele saiba disso. Meu orientador e amigo, Dante Gastaldoni.

A todos aqueles e aquelas que me auxiliaram ao longo deste trabalho, por estarem sempre ao meu lado, não importando tempo nem distância. Leite, Trnka, Pavão, Wenzel, Barros, Bittencourt, Imai, Zumpano, Monteiro, Murai, Padua, Martins, Soares, Battesini, Barth, Costa, Petrini, Vilches, Alves, Sacconi, Francelino, Schmidt, dentre tantos outros que aqui não caberiam.

A todos aqueles que hoje compõem meu círculo social. Não há como ser feliz sozinho, e é graças a essas pessoas que a vida pode se tornar prazerosa. Meu amor, meus parentes e minha irmãzinha. Obrigado por todas as correções, por todo o auxílio e por todo o apoio psicológico. Amo vocês.

À minha banca, Antonio Fatorelli e Victa Carvalho, por terem sido exemplos de professores ao longo de minha trajetória, e por aceitarem fazer parte de mais esta etapa acadêmica minha.

“A fotografia permanece, e permanecerá por muito tempo, o ponto de partida da Idade Moderna”.

(Oliviero Toscani, Tchou Mãe, 1996: p. 12)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. IMPRENSA, PODER E FOTOGRAFIA	5
3. A FOTOGRAFIA ENQUANTO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	11
3.1. Do Daily Graphic a O Cruzeiro: o fotojornalismo entre a evolução técnica e as opções estético-políticas	17
3.2. A ascensão dos fotojornalistas brasileiros e seu papel como agentes de resistência	21
4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: MICHEL TEMER PRÉ E PÓS-12/05/16	26
5. A DICOTOMIA ENTRE “LINHA EDITORIAL A SER SEGUIDA” E “O POPULAR” NAS CAPAS D’O GLOBO E DO EXTRA.....	31
6. ANÁLISES	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
8. REFERÊNCIAS	47
9. ANEXOS	49

1. INTRODUÇÃO

Em meio a uma cultura constantemente permeada por signos imagéticos, é inegável a importância que a fotografia denota nas mais diversas áreas. Informativa, econômica, social ou política, seu uso sempre denota algum tipo de mensagem e informação – estando, portanto, passível de ser analisada sob diversas instâncias.

Uma das narrativas apresentadas pelo uso da fotografia, a fotojornalística, desempenha papel crucial no processo de informação para diversas populações distintas. É graças ao fotojornalismo que informações complexas podem ser ilustradas ou sintetizadas de maneira extremamente breve, caracterizando uma importante ferramenta narrativa no processo comunicativo.

Dentre suas diferentes vertentes, é fundamental apontar para a importância que a política desempenha sobre o fotojornalismo. Não apenas por qualquer ato humano representar um ato político *per se* – mas sim, por conta da importância e da simbologia atribuída a membros do Estado por conta da publicação de fotografias. Tais imagens são cruciais na constituição da memória de um povo, e é através delas que o aparato político pode ostentar, consolidar e reafirmar seu poder. Ou, da mesma forma, definir e derrocar politicamente.

Seja como for, o fotojornalismo político no Brasil atravessou diferentes instâncias ao longo de sua existência, tendo como um de seus expoentes o período dos governos militares, enquanto hoje perpassa um momento distinto. Da mesma forma que se buscava produzir mensagens fotográficas implícitas durante o regime militar, tal fato é perceptível, hoje, em uma parcela significativa de registros.

É na figura da presidência que a maior parte do fotojornalismo de qualquer país se foca, e no Brasil, tal fato incide diretamente sob a figura de Michel Temer. Tido por distintos veículos enquanto presidente legítimo ou “golpista”, Temer é alvo de um forte escrutínio por parte da imprensa brasileira – seja para legitimá-lo ou desacreditá-lo –, e graças a isso, uma grande quantidade de imagens é produzida tendo no presidente seu principal foco.

Observar de que forma o emedebista seria retratado, portanto, demonstrou-se um objeto de análise que poderia ser extremamente relevante, não apenas pelo momento oportuno – já que, em breve, seu mandato irá se finalizar – como também pela diversidade de material produzido que pode ser passível de utilização. A quantidade de conteúdo

produzida tanto por empresas privadas quanto por empresas estatais retratando o próprio governo é, portanto, suscetível a extensa averiguação, seja para fins comerciais ou acadêmicos.

Por conta desta extensa quantidade de registros, veio à tona a questão responsável por pautar este trabalho: como dois jornais distintos, pertencentes à mesma organização, retratariam o presidente em suas capas? Necessariamente, haveria um alinhamento editorial entre ambos? Mais do que isto, haveria um alinhamento entre manchete, fotografia e legenda? Haveriam divergências a serem assinaladas? Obteria o governo êxito em se consolidar, midiaticamente, enquanto a potência que o mesmo planejava?

Para tentar observar de que maneira tal processo se daria, optou-se por realizar um recorte temporal em dois jornais pertencentes a um dos maiores grupos editoriais do país: Extra e O Globo, pertencentes ao Grupo Globo. Ao longo de dois anos, as capas de cada um destes jornais foram monitoradas e arquivadas, sob a condição de que teriam de estampar, fotograficamente, o rosto de Temer. Posteriormente, as informações provenientes de tais capas seriam indexadas, em um processo simultaneamente qualitativo e quantitativo – à medida que ambos os métodos se fundem para realização de tal etapa.

O principal objetivo aqui, em tese, se configuraria em pontuar de que forma as estruturas narrativas destes jornais se consolidariam. Não apenas sob o ponto de vista textual, mas em particular, fotográfico: aparentemente, fotografias podem caracterizar um problema para aparatos políticos registrados em desajuste com as imagens que têm – e procuram impor – de si próprios.

Ao longo da estrutura tecida para este trabalho de conclusão de curso, optou-se por dividi-lo nos seguintes capítulos: um inicial, “Imprensa, poder e fotografia”, no qual se tecem comentários acerca da relação entre estes três atores, particularmente no que tange as estruturas discursivas “oficiais”. Aqui, não apenas o Estado foi tomado enquanto detentor de aparatos narrativos, mas também qualquer tipo de *media* que possua ampla reverberação – a fotografia, inscrita neste grupo. Além disso, foi pontuado, de maneira embrionária, como a fotografia demonstraria sua ampla usabilidade política em um passado aparentemente remoto – mas que reverbera intensamente até os dias atuais.

Em seguida, em “A fotografia enquanto ferramenta de construção histórica”, buscou-se abordar de que maneira a fotografia pode servir enquanto meio de reprodução histórica – no sentido literal da palavra. Uma foto não apenas “é” um pedaço de história, mas ela também pode ser responsável por pautar uma extensa gama de narrativas

históricas, alterando o curso de acontecimentos dotados de profunda significância ou impacto. É em decorrência da utilização de registros imagéticos que mudanças significativas eclodem em diversos locais ao redor do globo, e aqui, parte destes aspectos são comentados e explorados. Também dentro deste mesmo capítulo, porém em um subcapítulo, são abordados conceitos particulares ao fotojornalismo brasileiro – e como tal profissão desempenhou um papel fundamental enquanto ferramenta de resistência narrativa ao longo da história da imprensa nacional.

No capítulo seguinte, “Contextualização histórica: Michel Temer pré e pós-12/05/16”, busca-se realizar uma aproximação entre Temer e os jornais brasileiros, apontando para de que forma estes tendem ou tendiam a retratá-lo antes de sua ascensão ao poder. Pontos de vista e as nuances acerca de sua formação e sua vida política são aqui comentadas, visando estabelecer uma ligação narrativa suficiente para vinculá-lo, de maneira clara e facilmente palpável, aos capítulos seguintes.

Em “A dicotomia entre ‘linha editorial a ser seguida’ e ‘o popular’ nas capas d’O Globo e do Extra”, aspectos inerentes à existência de cada um destes jornais são pontuados, de forma a exhibir como e por que tais veículos apresentam tamanhas distinções entre si. Seja nas estratégias de *marketing*, discursivas ou editoriais, faz-se *sine qua non* que haja diferenças palpáveis entre cada um dos jornais – e aqui, cabe elencar como tal processo se dá.

Em “Análises”, o material proveniente da coleta é comentado – exibindo como, exatamente, cada veículo realiza (ou não) suas abordagens ante a figura presidencial. Também é descrita de maneira mais extensa e aprofundada a metodologia, responsável por indicar quais foram os critérios estabelecidos ao longo das etapas qualitativas e quantitativas; como estas culminaram em representações gráficas e, portanto, mais palpáveis da roupagem adotada por cada jornal. É graças à qualitativa, por exemplo, que é permitida uma análise com um pouco mais de profundidade a respeito do referido tema.

Em meio ao método qualitativo apresentado para qualificar a etapa quantitativa, espera-se estabelecer um critério capaz de suprir às necessidades de um diálogo extenso que tem de ser vigorosamente suprimido. Por conta da impossibilidade de se analisar, caso a caso, todas as capas em meio ao material coletado, uma das saídas encontradas foi justamente aplicar a metodologia qualitativa a um aspecto quantitativo, comentando de maneira mais detalhada apenas casos mais emblemáticos e que denotam mais significância na linha narrativa de cada veículo.

Por fim, em meio às considerações finais, são apontadas pequenas questões pertinentes à confecção deste trabalho, bem como possíveis saídas e alternativas para eventuais problemas que possam ter se apresentado ao longo de seu desenvolvimento.

Durante as diferentes discussões aqui elencadas, especialmente no que tange às temáticas relacionadas a poder e política, buscou-se utilizar autores que apontassem para o *modus operandi* de estruturas clássicas do Estado – Althusser e Weber. Além disso, teve papel importante a constituição da memória coletiva, elencada por Orlandi. Sob o referencial imagético, Sontag, Fontcuberta, Freund e outros foram utilizados. Para além da bibliografia padrão, uma ampla gama de jornais foi utilizada para fornecer embasamento histórico a narrativas realizadas – sendo estes devidamente discriminados em cada respectiva nota de rodapé.

Acredita-se que o estudo demonstre-se relevante porque apesar de não se tratar de uma temática inédita – já que as construções de sentido elaboradas por fotojornalismo e imprensa brasileira já possuem trabalhos que os abordam –, é a primeira vez em que esta abordagem é aplicada neste recorte temporal específico, especificamente munindo-se destes jornais, e tendo como personagem Michel Temer. Observar suas vitórias e derrotas, políticas e narrativas, constitui uma importante ferramenta de estudo para que se compreenda a recente história política brasileira através do fotojornalismo, esta, enfim, a ambição do presente trabalho.

2. IMPRENSA, PODER E FOTOGRAFIA

Historicamente, a busca pelo controle de narrativas sempre foi algo cobiçado por inúmeros grupos sociais ao redor do mundo. A informação sempre foi tida enquanto sinônimo de poder, e, por conseguinte, aqueles que controlam o fluxo de informações possuem, igualmente, uma alta probabilidade de controlar, de maneira inconteste, o poder vigente.

Tais informações podem apresentar-se em variadas formas. De meras histórias tribais, repassadas de geração a geração através da oralidade, até documentos que corroboram a ascensão ou derrocada de entidades políticas, todas elas dependem de um único fator para que efetivamente “funcionem”: serem tidas como uma verdade indiscutível, ao maior número de pessoas possível.

[...] Todo o Estado se funda na força, disse Trotski em Brest-Litovsk. Isso é realmente certo. Se não existissem instituições sociais que conhecessem o uso da violência, então o conceito de ‘Estado’ seria eliminado, e surgiria uma situação que poderíamos designar como ‘anarquia’, no sentido específico da palavra [...] Hoje, porém, temos de dizer que o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o *monopólio do uso legítimo da força física* dentro de um determinado território. [...] O Estado é considerado como a única fonte do ‘direito’ de usar a violência. Daí ‘política’, para nós, significar a participação no poder ou a luta para influir na distribuição de poder, seja entre Estados ou entre grupos dentro de um Estado. (WEBER, 1982, p. 98)

Assim como a existência *per se* do Estado se dá de maneira relativamente violenta, como aponta Weber no trecho supracitado, há uma intensa e igualmente violenta disputa pelo controle do que será tido como “verdade”. Se a história realmente é escrita pelos vencedores¹, é natural inferir que muito provavelmente os detentores dos meios de comunicação se colocarão ao lado destes vencedores – pois, do contrário, enfrentarão ampla e penosa resistência por parte do Estado e todos os demais que compõem o *status quo* vigente. Prosperar, seja nos aspectos financeiro, ideológico ou até mesmo no que tange sua credibilidade, colocando-se abertamente contra o Estado, soa uma tarefa amplamente impraticável, o que leva a um inevitável alinhamento de discursos.

Assim como o Estado tende a monopolizar o uso da força, grupos responsáveis pela construção da imagem e das notícias acerca de tal Estado – em particular, a imprensa –

¹ “History is written by the victors”, frase usualmente atribuída a Churchill.

Fonte: CHADHA, Gurinder. History is written by the victors: The inspiration behind Viceroy's House. **BBC Blogs**, Londres, 01 mar. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/blogs/aboutthebbc/entries/2db29f5a-d95d-45b9-ad69-f0c0fc327f1b>. Acesso em: 10 maio 2018.

buscam o monopólio da construção de sentido, garantindo para si o conceito de que eles, e tão somente eles, são e serão os responsáveis por garantirem informações minimamente precisas. Como versa o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2015), são grandes aparatos como estes os mais aptos, em tese, a garantirem um jornalismo “crítico, plural e apartidário”.

Qualquer outro meio que não a imprensa “oficial”, personificada na figura de jornais que representem adequadamente o *establishment*, é visto aqui como um “concorrente desleal”, que deve ser sumariamente desqualificado. Comentando especificamente o funcionamento da imprensa brasileira, por exemplo, é de suma expressividade um processo movido pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) contra grupos jornalísticos estrangeiros – BBC Brasil, The Intercept, El País e similares – no Supremo Tribunal Federal (STF), que busca desqualificar o produto destes enquanto “jornalístico”. De acordo com a ANJ, se a “participação de capital estrangeiro” em empresas jornalísticas estrangeiras operando em território brasileiro não atingir um percentual específico, nenhuma destas empresas poderá ser tida, então, como uma “empresa jornalística”²³. Não por acaso, Alberto Dines afirmava que “as grandes empresas de mídia brasileiras não querem que o seu poder seja enfrentado por um contrapoder, mesmo que social ou público”⁴.

Para a construção de suas leituras acerca do mundo e seus discursos, inúmeros artifícios são utilizados não apenas por estes veículos aqui comentados, mas por uma série de outros. Na teia de recursos utilizada por aqueles que buscam realizar alguma construção de sentido, não faltam incrementos: há uma disputa, explícita e permanente, pela detenção da tecnologia de ponta, na qual mais prospera o veículo midiático que aparenta possuir mais recursos. Entretanto, não importa o quão rica uma fala seja, ou o quão meticulosamente um texto seja: a imagem, inevitavelmente, antecede até mesmo a palavra na cadeia de evolução da linguagem (GARCIA et al, 2013, p. 2).

² Redação RBA. Jornais brasileiros vão à Justiça contra versões nacionais de sites estrangeiros. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/10/associacao-de-jornais-vai-ao-stf-contraversoes-brasileiras-de-sites-de-noticias-estrangeiros-4823.html>. Acesso em: 08 jun. 2018.

³ CARNEIRO, Luiz. Capital estrangeiro: ANJ pede ao STF que portais de notícias na internet sejam equiparados a jornais impressos. **JOTA**, Brasília, 21 out. 2016. Disponível em: <https://www.jota.info/justica/capital-estrangeiro-anj-pede-ao-stf-que-portais-de-noticias-na-internet-sejam-equiparados-jornais-impressos-20102016>. Acesso em: 08 jun. 2018.

⁴ DINES, Alberto. Cartel embrulhado para presente. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 20 set. 2000. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/qtv200920001.htm>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Dito isto, após este breve comentário acerca do alinhamento de narrativas jornalísticas àquelas ligadas ao *status quo*, torna-se de vital importância apontar como, exatamente, jornais apropriam-se e propagam estas narrativas. Em particular, ao utilizar um aparato que soa impossível de ser modificado ou deturpado a uma parcela expressiva da população e do público-alvo de qualquer veículo jornalístico: a fotografia.

A fotografia não apenas possui um imenso poder de síntese como também carrega consigo uma característica imprescindível a qualquer meio de comunicação: rapidez. Apesar de em sua fase inicial demandar uma parcela considerável de tempo para sua confecção e produção – já que a primeira fotografia da história⁵ levava cerca de 8 horas para ser produzida –, após sucessivos avanços técnicos e adaptações, hoje produzir e transmitir uma imagem pode levar, literalmente, uma fração de segundos. Se o tempo exerce papel-chave na lógica de produção jornalística, é evidente a importância que o aparato imagético aqui representa.

“Desde que a fotografia se firmou em meados do século XIX, a prevalência da imagem técnica se consolidou no mundo contemporâneo” (MINA, 2011, p. 12). Através da fotografia, profundas mudanças puderam ocorrer ao longo do curso da história – para o bem e para o mal. Foi a fotografia jornalística que permitiu a denúncia, por exemplo, do Napalm amplamente utilizado pelos Estados Unidos na Guerra do Vietnã em 1972⁶; ao mesmo passo em que esta mesma fotografia “jornalística”, ao ser utilizada pela primeira vez na cobertura de um confronto, foi extensamente utilizada visando enaltecer o combate que então retratava.

Tal demanda fotográfica ocorreu durante a Guerra da Crimeia, que em 1856 foi registrada pelo fotógrafo inglês Roger Fenton, a mando da coroa britânica. De maneira *sine qua non*, era exigida uma cobertura positiva. Incrivelmente, tal afirmação não é hiperbólica, mas ampla e documentadamente registrada:

[...] Historicamente, os fotógrafos ofereceram sobretudo imagens positivas da atividade guerreira e das alegrias de começar ou continuar uma guerra. Se os governos impusessem sua vontade, a fotografia de guerra, assim como a maior parte da poesia de guerra, faria rufar seus tambores em defesa do sacrifício dos soldados. De fato, a fotografia de guerra começa com essa missão, com essa vergonha. Tratava-se da Guerra da Crimeia e o fotógrafo, Roger Fenton, invariavelmente chamado de o primeiro fotógrafo de guerra, foi

⁵ A primeira imagem considerada uma fotografia permanente, “Vista da janela em Le Gras”, de autoria de Joseph Niépce, é datada entre 1826 e 1827 (MARIGNIER, 1999, p. 70).

⁶ TIME PHOTO. The Story Behind the ‘Napalm Girl’ Photo Censored by Facebook. **TIME** New York, 09 set. 2016. Disponível em: <http://time.com/4485344/napalm-girl-war-photo-facebook/>. Acesso em: 08 jun. 2018.

nada menos do que o fotógrafo ‘oficial’ dessa guerra, enviado para a Crimeia no início de 1855 pelo governo britânico, sob instigação do príncipe Albert. Reconhecendo a necessidade de um contra-ataque aos alarmantes testemunhos publicados na imprensa sobre os riscos e as privações sofridos pelos soldados britânicos despachados para lá no ano anterior, e não previstos pelas autoridades, o governo convidou um fotógrafo profissional bastante conhecido a fim de transmitir uma outra impressão, mais positiva, dessa guerra cada vez mais impopular. (SONTAG, 2003, p. 43)

Ao longo de “Diante da dor dos outros”, Susan Sontag (2003), acadêmica norte-americana falecida em 2004, pontua diversas questões acerca da hierarquia de poder social proveniente de fotos. Um ponto chave de sua tese, aqui explicitado, é como o uso de um registro fotográfico, atrelado a um propósito específico, pode colaborar para uma construção de sentido deliberada, podendo ser passível de utilização por uma ampla variedade de atores sociais. O cerne da discussão aqui não é se tal ocorrência teria uma conotação positiva ou negativa, mas simplesmente apontar para a existência do fato por si próprio.

Para aqueles que podiam adquirir tal tecnologia no momento de sua descoberta, a fotografia pôde ser utilizada como um artifício de diferenciação social e de poder (MUAZE, 2007, p. 171), apontando para a evidente simbologia que cada imagem poderia carregar: a manifestação direta de poder, nas mais variadas instâncias e vertentes possíveis. Nem toda manifestação de poder necessariamente está atrelada a uma fotografia, mas em qualquer fotografia envolvendo alguma *persona*, uma série de disputas ocorre: simbólicas, discursivas, etc. Fotografia e poder são, de certa forma, mecanismos interligados e indissociáveis um do outro, bastando apenas a contextualização adequada para que uma mínima leitura possa ser realizada diante de uma foto.

Se a fotografia podia ser utilizada enquanto instrumento de poder narrativo, social e até mesmo econômico, é evidente que a mesma também poderia ser passível de utilização para fins explicitamente políticos. Não estrita e tão somente no sentido de direcionar a opinião pública a aprovar ou reprovar um confronto específico, como nos casos comentados acima – mas atuar, direta e decisivamente, na vida política de um determinado Estado. Moldando a imagem de candidatos, influenciando diretamente em sua ascensão ou derrocada diante da multidão.

Manifestações artísticas exaltando autoridades religiosas ou políticas não são exatamente inéditas – já que a Capela Sistina, por exemplo, data do início do século XV. Todavia, até a ascensão da fotografia, nenhuma destas manifestações poderia ilustrar o *real* de maneira tão rica e palatável aos olhos do público como um retrato fotográfico. Não um

desenho, nem tampouco uma pintura, mas uma imagem que efetivamente captasse, de maneira quase que magnética, a atenção do público. Algo que soasse, de maneira imediata, uma réplica da realidade.

Não por acaso, o primeiro uso de um retrato fotográfico com fins deliberadamente políticos na história da imprensa é marcado por uma vitória que aparentava ser impossível, em meio a um país extremamente polarizado e dividido, personificado pelos Estados Unidos em meio à Guerra da Secessão:

O fotógrafo americano Mathew Brady assinou, durante a Guerra de Secessão entre 1862-1865, oito mil fotos, incluindo uma extraordinária sequência mostrando o enforcamento de conspiradores que tentaram assassinar o presidente Lincoln. É com uma foto de Lincoln, tirada por Brady em 1860 para as eleições presidenciais nos Estados Unidos, que o retrato fotográfico faz sua entrada na imprensa. O candidato Abraham Lincoln, fundador do Partido Republicano, vinha de uma família rural muito pobre do Meio Oeste. Seus adversários políticos foram os ricos industriais do Leste e os escravagistas do Sul, que lhe qualificavam como “bruto”, “inculto”, “sem modos”, etc. Foi necessário encontrar um meio de refutar essas calúnias. Um amigo de Lincoln teve uma ideia: “Você deveria”, disse a Lincoln, “fotografar com Brady e publicar seus retratos em jornais favoráveis a suas ideias, para que os eleitores vissem que você é um homem diferente, fino, culto”. A ideia foi colocada em prática, e as Memórias de Lincoln começam assim: “Foi graças ao retrato que Brady fez de mim que me tornei presidente dos Estados Unidos”. (ALMASY, 1990, p. 44; grafo nosso)⁷

Como Almasy (1990) aponta em “L’histoire du photojournalisme”, Abraham Lincoln era amplamente desqualificado por seus adversários políticos, e a melhor maneira de romper com tal narrativa era transformando a publicidade “negativa” em “positiva” através de um mecanismo que fosse capaz de propagar tal mensagem utilizando exatamente a mesma intensidade.

Em parceria com Brady, os responsáveis pela campanha de Lincoln resolvem produzir um retrato capaz de rebater todas as difamações sofridas ao longo de sua

⁷ Tradução livre do trecho original “Le photographe américain Mathew Brady prit, pendant la guerre de Sécession en 1862-1865, 8000 photos dont une extraordinaire séquence montrant la pendaison des conspirateurs qui avaient tenté d’assassiner le président Lincoln. C’est avec une photo de Lincoln, réalisée par Brady en 1860 pour les élections présidentielles aux Etats-Unis, que le portrait photographique fit son entrée dans la presse. Le candidat Abraham Lincoln, fondateur du Parti républicain, était issu d’une famille rurale très pauvre du Middle West. Ses adversaires politiques étaient les riches industriels de l’Est et les esclavagistes du Sud, qui le qualifiaient de < brute >, < inculte >, < sans manières >, etc. Il fallait trouver un moyen de réfuter ces calomnies. Un ami de Lincoln eut une idée: < Il faut, dit-il à Lincoln, te faire photographier par Brady et faire publier ton portrait dans les journaux favorables à tes idées, les électeurs veront que tu es un homme distingue, fin, cultivate. > L’idée fut mise à exécution et les Mémoires de Lincoln commencent ainsi: < C’est grâce au portrait que Brady a fait de moi que je suis devenu président des Etats-Unis.>”. ALMASY, Paul et al. **L’histoire du photojournalisme**. In: Le photojournalisme. Paris, CFPJ, 1990, p. 32-74.

campanha – de que Abraham seria “magro”, “permanentemente enfermo”, etc. –, buscando representá-lo feito um sujeito perfeitamente saudável, de boa aparência e capaz de cativar a maior quantidade possível de eleitores em potencial. Mais do que aparentar a imagem de um homem “saudável”, era importante vender-se enquanto um homem “íntegro” e “austero” ao público.

A ideia da equipe, à época, foi reproduzir extensivamente este retrato em *bottons* que seriam distribuídos gratuitamente – nascia aqui o conceito do *botton* de campanha com o retrato do candidato – e, como a História demonstra, tal ação logrou um êxito arrebatador, a um custo financeiro irrisório diante da capacidade de mobilização provocada. Em 1860, aquele retrato produzido por Mathew Brady marcava o início da história da fotografia política.

3. A FOTOGRAFIA ENQUANTO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Tanto a nossa noção do real quanto a essência da nossa identidade individual dependem da memória. Não somos nada além de memória. A fotografia, portanto, é uma atividade fundamental para nos definir, que abre uma dupla via de acesso para autoafirmação e para o conhecimento. (FONTCUBERTA, 2010, p. 38)

No fragmento acima, extraído de *O beijo de Judas*, Fontcuberta (2010) versa a respeito de duas propriedades extremamente peculiares à mente humana: sua maneira de lidar com o conceito de realidade e, em particular, sua maneira de processar informações provenientes da observação de um registro fotográfico.

Da mesma maneira que os registros escritos aparentam emanar o real, o mesmo acontece com registros fotográficos, na medida em que ambos possuem informações e, em algum grau, representam um fragmento do tempo congelado. Existe, contudo, uma diferença fundamental na maneira como a qual textos e imagens são analisados, processados e enfim, incorporados às mentes dos sujeitos que os observam.

Esta diferença consiste, grosso modo, em como as informações presentes naquele documento, textual ou fotográfico, serão assimiladas – e ainda mais importante do que a assimilação *per se*, qual será a credibilidade e a veracidade depreendida a partir da análise de tais registros. Com qual velocidade e, em particular, com qual grau de certeza tal informação será absorvida.

A fotografia caracteriza uma forte ferramenta de construção do *real* ou do *verossímil*, muito em parte, em decorrência da baixa contestação que recebe – ao menos, por uma significativa parcela do público, desprovida de ferramental adequado para realizar tais análises com profundidade. Muitos tendem a enxergar ou enxergam, de fato, a fotografia não como um “traço de um real”, nem tampouco como a “transformação do real”, mas sim, um verdadeiro “espelho do real” (DUBOIS, 1993, p. 27-45).

É essencial apontar para o fato de que a sociedade ocidental como um todo, em virtude da utilização de incontáveis Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1972, p. 41-52) na educação de seus cidadãos, aprende a interpretar e decodificar signos nas mais diversas instâncias – alfabetos, trejeitos, características culturais de seu povo, noções que compõem seu *habitus*, e assim por diante.

Em meio a este processo de decodificação e apreensão de signos, aprendem-se,

dentre tantas outras, convenções sociais específicas que permanecem praticamente imutáveis: a leitura da esquerda para a direita, a utilização de algarismos arábicos, o alfabeto romano, as memórias que constituem a noção de pertencimento a um determinado povo ou local, configurações sociais que introduzem um indivíduo à sociedade que o rodeia, etc. Entretanto, no arcabouço que compõe a percepção sensorial destes mesmos indivíduos, que em tese deveriam estar aptos a decodificarem múltiplas mensagens em múltiplos meios, não há uma definição clara a respeito da leitura fotográfica. São diversas as sociedades ocidentais nas quais se ensinam aritmética básica, aspectos da língua escrita e até mesmo falada – mas dificilmente, se é apontado como uma fotografia pode servir para *forjar* a realidade.

Em “Papel da Memória”, Achard (1999) discorre acerca de duas definições que dialogam diretamente com tal perspectiva; a primeira delas, sendo a noção de “memória social e produções culturais”.

Uma primeira constatação que se impõe imediatamente: para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão. Porque é essa possibilidade de fazer impressão que o termo “lembrança” evoca na linguagem corrente. [...] Halbwachs caracterizaria aliás a memória como “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade”. Uma segunda constatação complementa a primeira: lembrar um acontecimento ou um saber não é forçosamente mobilizar e fazer jogar uma memória social. Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. Esse fundo comum, essa dimensão intersubjetiva e sobretudo grupal entre eu e os outros específica, diz-nos Halbwachs, a memória coletiva. Mas a contrapartida seria que a memória coletiva “só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. Por definição, ela não ultrapassa o limite do grupo”. (ACHARD, 1999, p. 25)

A noção de “memória coletiva” colocada pelo autor é de suma importância para que se compreenda outro conceito colocado por ele mais adiante, onde a imagem é retratada como um “operador de memória social”.

Por que a imagem? Por que ela oferece – ao menos em um campo histórico que vai do século XVII até nossos dias – uma possibilidade considerável de reservar a força: a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador). (ACHARD, 1999, p. 27)

Englobando a imagem como um ator social, capaz de realizar profundas e efetivas

transformações na sociedade em que orbita, não é à toa que Achard imputa tamanha força à fotografia. Ainda mais peculiar, em meio a tal fala, é pontuar de que forma esta transformação pode ocorrer. Como citado anteriormente, o ferramental adequado para decodificar uma imagem completamente é de difícil acesso – e tal fato não necessariamente implica em consequências negativas.

Do mesmo modo que transmitir uma mensagem sutil a um grande público constitui uma tarefa relativamente complexa para um fotógrafo, depreender e desmascarar tal mensagem implícita em uma foto é igualmente complexo para censores – com a diferença de que dificilmente estes terão os mesmos critérios de análise que o autor original de uma hipotética fotografia. Por conseguinte, por mais que uma determinada mensagem em uma fotografia seja difícil de ser acessível a todos, é esta mesma característica que, ironicamente, a protege e permite que sua propagação torne-se ainda maior.

Tal potencial de propagação, vinculado à ausência de uma *alfabetização fotográfica*, estabelece um arcabouço extremamente sensível que pode ser explorado por múltiplos órgãos, veículos e fontes oficiais, os quais normalmente tendem a ter suas construções pouco contestadas. Novamente, entra aqui em questão o paradoxo anteriormente citado acerca do potencial destrutivo ou reparador oriundo de uma fotografia, pois esta pode ser tida tanto como *a* representação do real como *uma* das representações possíveis do real.

Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir. [...] Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos. (SONTAG, 2004, p. 14-17)

No trecho acima, Sontag (2004) explicita uma dicotomia inerente a qualquer registro imagético, de difícil dissolução e passível de amplo debate. Tendo em vista que a fotografia desprovida de seu contexto original, ou imbuída de uma simples modificação no enquadramento, é capaz de transmitir uma mensagem diametralmente oposta à das circunstâncias em que originalmente foi produzida, é imprescindível que haja um manejo adequado na forma como esta será propagada.

Não por acaso, pouco mais adiante, Sontag (2004) afirma ainda que “existe uma agressão implícita em qualquer emprego da câmera” – sugerindo que tal agressão se dá em múltiplos *fronts*. Simultaneamente, podem ocorrer agressões morais (já que a fotografia

pode retratar um assunto ou objeto degradante àquele que é exposto), simbólicas (onde pode ocorrer, por exemplo, uma disputa entre um fotógrafo colonizador retratando um local colonizado) e, o principal, a disputa em torno das narrativas.

Afinal, não importa o quão efêmero um fenômeno em particular seja: registros textuais dificilmente poderiam retratá-lo e eternizá-lo com tal dimensão quanto uma fotografia. Talvez possam retratar com maior riqueza, já que podem fornecer informações adicionais e complementares à assimilação de uma dada mensagem; entretanto, pouco provavelmente serviriam enquanto uma suposta prova cabal, incontestável, e de rápida decodificação.

A onipresença de câmeras sugere, de forma persuasiva, que o tempo consiste em eventos [...] dignos de serem fotografados. Isso, em troca, torna fácil sentir que qualquer evento, uma vez em curso, e qualquer que seja seu caráter moral, deve ter caminho livre para prosseguir até se completar – de modo que outra coisa possa vir ao mundo: a foto. Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria. Enquanto pessoas reais estão no mundo real matando a si mesmas ou matando outras pessoas reais, o fotógrafo se põe atrás de sua câmera, criando um pequeno elemento de outro mundo: o mundo-imagem, que promete sobreviver a todos nós. (SONTAG, 2004, p. 21-22, grifo nosso)

Assumindo a perpetuidade da imagem, é igualmente importante apontar para de que forma suas ausências podem caracterizar novos significados, não explícitos em uma primeira leitura, que em muito podem contribuir para a formação de novos significados além daqueles facilmente visíveis ou explícitos. Por mais paradoxal que soe, uma fotografia é normalmente caracterizada por subtrair elementos – e não por acrescentá-los ao quadro.

Se de fato toda fotografia “é uma subtração de elementos, [...] um recorte da realidade” (OLIVEIRA, 2015, p. 1), é natural apontar para o fato de que uma gama de discursos pode ser elaborada utilizando como instrumento justamente esta subtração e este recorte. Nasce aqui, em particular, uma estratégia excepcionalmente sedutora àqueles que pretendem controlar a disputa narrativa acerca de algum acontecimento: o silêncio.

Os princípios editoriais que podem pautar a escolha de uma foto ou não em um determinado espaço – assim como seu respectivo tamanho, destaque, etc. –, dizem muito acerca daqueles que realizam tais escolhas. Uma manchete, assim como uma fotografia, pode ser abruptamente acobertada e “esquecida” por um determinado veículo, caso haja a exigência para que tal material deixe de existir. Não se trata de nenhuma sociedade

distópica, como a descrita por George Orwell em “1984”, onde o Estado podia determinar a seu bel-prazer aquilo que deveria deixar de existir, mas sim de uma práxis habitual em uma significativa parcela de órgãos responsáveis por produzirem conteúdo noticioso. Especialmente onde as principais fontes de receita – publicidade oficial, políticos ligados ao governo, grandes clientes do setor publicitário privado, etc. – podem exercer grande poder de veto em veículos, dada a fragilidade do método de financiamento destes. Abrem-se, portanto, precedentes para um caminho muito mais fácil e legalmente difícil de ser apontado: o silêncio.

Ao longo da história da sociedade contemporânea, o silêncio sempre representou uma excelente forma de ressignificar fatos sociais e políticos – e com a escolha acerca de uma fotografia, assim como no caso de uma manchete, não haveria porque ser diferente. Por excelência, publicar informações falsas – em outras palavras, mentir – é passível de imputabilidade legal; omitir, por outro lado, demonstra-se infinitamente mais fácil.

Em “As formas do silêncio”, Eni Orlandi sintetiza como tal política pode se produzir, não apenas dentro de veículos noticiosos, mas em praticamente qualquer tipo de arquétipo ou arranjo social.

Com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada. [...] A política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz. [...] proíbem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos. (ORLANDI, 2007, p. 73-76, grifo nosso)

Tal silêncio pode ser nitidamente visualizado no caso de uma foto relevante a uma determinada comunidade – uma imagem que seria subversiva a um determinado governo, por exemplo – que deixa de ser publicada, em virtude de conluios ou receio a represálias. As implicações provenientes da publicação ou do engavetamento de uma foto, aliada a uma determinada manchete, são tangíveis a ponto de se transporem diretamente para as esferas sociais, políticas e econômicas de diversas comunidades – atestando o papel que os *media* possuem na construção histórica do que é tido enquanto *real* ou não por estas mesmas comunidades.

Em “Realidades e ficções na trama fotográfica”, Boris Kossoy aborda de maneira sucinta como a utilização de fotografias pode servir como um instrumento ideológico para seus editores, priorizando uma determinada narrativa em detrimento a outra:

[...] tal manipulação tem sido possível justamente em função da [...] credibilidade

que as imagens têm junto à massa, para quem seus conteúdos são aceitos e assimilados como expressão da verdade. Comprova isso a larga utilização da fotografia para a veiculação de propaganda política, dos preconceitos raciais e religiosos, entre outros usos dirigidos. (KOSSOY, 2002, p. 20)

Como Kossoy (2002) aponta neste trecho, em específico, a capacidade de conduzir discursos através do *pathos*, muito mais ante a *logos* ou a *ethos*, torna-se um fator fundamental na gênese de uma narrativa. Não necessariamente os aspectos fundamentais que pautarão um determinado discurso tenderão a deixá-lo o mais fidedigno possível. Inclusive, não apenas a fotografia será utilizada para direcionar uma determinada narrativa – como a própria fotografia *per se* poderá ser redirecionada, já que novos elementos lhe podem ser acrescentados ou retirados durante o processo de montagem, edição e publicação.

As particularidades inerentes ao processo de hierarquia, valor-notícia e *critérios de noticiabilidade* (GANS apud WOLF, 2003, p. 208), como se pode ver, são extensas – e só tendem a aumentar seu grau de complexidade conforme o uso da imagem, aliada aos diferentes veículos midiáticos, se consolida enquanto argumento de autoridade. As questões filosóficas, morais e éticas decorrentes do uso íntegro ou moralmente dúbio de um determinado material narrativo, ao que tudo indica, apenas tendem a crescer. Apesar da imagem constituir uma importantíssima ferramenta no retrato do que pode ser tido, ou *deveria* ser tido enquanto real, seus paradoxos, assim como as questões de ordem metafísica, igualmente tendem a crescer.

A infundável exposição e bombardeamento de estímulos proporcionado pelos mais diversos tipos de *media* – impressos, digitais, televisivos, imagéticos, audiovisuais, *on-line*, *mobile* – é narrativamente fragilizante a uma significativa parcela daqueles que são afetados por cada uma destas mensagens. Caminha-se, de maneira irreversível, a uma era da *algoritmização* de conteúdos, onde interações orgânicas⁸ entre indivíduos e um determinado conteúdo serão cada vez mais raras. Provavelmente, em decorrência de

⁸ Interações “orgânicas” são interações realizadas de maneira não-algoritmizada; isto é, sem a interferência de uma inteligência artificial que determine ou dite a maneira de se consumir um determinado objeto/conteúdo. Em suma, uma interação “orgânica” não é “patrocinada”, mas sim, produzida por livre e espontânea vontade do indivíduo que busca consumir algum determinado objeto/conteúdo. Já interações “impulsionadas” são aquelas as quais, usualmente, possuem financiamento por detrás da exposição daquele conteúdo (caracterizando, portanto, uma forma velada de publicidade direcionada) ou foram “selecionadas” para aquele indivíduo por algum algoritmo, com base na probabilidade de que o conteúdo seja efetivamente escolhido e consumido pelo usuário.

numerosos fatores – *tailored content*⁹, bolhas virtuais, estímulos de reforço e afins –, não apenas as narrativas noticiosas, a *internet* e arranjos sociais completos, mas a própria fotografia, seja ela jornalística, publicitária ou meramente comercial, tenderá a caminhar para uma iminente algoritmização.

Se invariavelmente a fotografia apresentou-se enquanto uma ferramenta de construção histórica, não haveria nenhum motivo para que diante de tal mudança, proporcionada pela era da hiperinformação e hiperconexão, sua função fosse alterada. Provavelmente, ela há de permanecer provida da mesma imponência que possui desde 1827, por muitos anos que ainda virão. Cabe avaliar, entretanto, de que forma tal construção histórica se dará; e, o principal, se haverá maior democratização e disseminação no grau de esclarecimento acerca dos mecanismos que podem ser utilizados para alterar uma narrativa mediante o simples uso de uma fotografia – ou, quiçá, alterando a própria fotografia.

3.1. Do Daily Graphic a O Cruzeiro: o fotojornalismo entre a evolução técnica e as opções estético-políticas

Ao longo do desenvolvimento dos jornais brasileiros de maior circulação, a fotografia desempenhou um importante papel – fosse fornecendo material para novas histórias e narrativas; fosse servindo para dar sustentação a pautas previamente existentes. Entretanto, em virtude de uma série de fatores, envolvendo custos de produção, disponibilidade de tecnologia e principalmente, riscos, nem sempre tudo foi assim.

Na verdade, a fotografia levou um tempo razoável até dar as caras em larga escala e com fidelidade nos jornais. Antes de passar a ser reproduzida em grandes lotes com algum mínimo de fidedignidade possível, em decorrência das limitações técnicas da época, a fotografia era *emulada* de maneira relativamente simplória: através de uma gravura em madeira que oferecia baixíssima definição, com um indicativo na “imagem” impressa apontando que aquela ilustração havia sido feita “a partir de uma fotografia” (FREUND, 1980, p. 104).

A primeira solução para tal problema foi encontrada por um fotógrafo

⁹ Conteúdo produzido exatamente “sob demanda” e “sob medida”, de acordo com o público-alvo que almeja impactar.

estadunidense, Stephen Horgan, que em 4 de março de 1880, publicou o resultado de seu trabalho na capa do *Daily Graphic*, um jornal nova-iorquino pioneiro na publicação de ilustrações diárias. Neste dia, pela primeira vez uma imagem era reproduzida através de *semitons*, diferentemente do entalhamento à madeira anteriormente realizado. (HARRIS, 1993, p. 77).



Figura 1. Shantytown: Em 1880, um marco tecnológico.

Foi graças a um processo concebido por Horgan que a reprodução de uma imagem, com tal nível de detalhe e em larga escala, passou a ser possível: o *halftone*, que consistia em, como o próprio nome diz, realizar a aplicação de semitons ao papel. Diferentemente do entalhe de madeira anteriormente utilizado, tal técnica permitia uma definição vertiginosamente superior – já que os negativos fotográficos podiam ser diretamente impressos nas páginas, sem mais demandar qualquer tipo de intervenção adicional, como por exemplo, o desenho ou entalhamento tomando apenas o negativo fotográfico como base. (HARRIS, 1993, p. 77).

Não obstante, em comparação ao entalhamento, o *halftone* diminuía o tempo de produção, apresentava custos de confecção menores, e dispensava a mão-de-obra artesanal. Enquanto um entalhe em madeira de uma figura custava entre U\$100 e U\$250, levando de 2 a 6 semanas para ser produzido, o *halftone* do mesmo material podia ser realizado ao custo de U\$12 a U\$15, em apenas um único dia (CARRINGTON, 1922, p. 124). Não demorou muito para que publicações passassem a realizar demissões em massa de

entalhadores, dando o lugar destes ao *halftone* – à época, a tecnologia mais atrativa.

Com o advento da reprodução fotográfica nos jornais em larga escala, de maneira rápida, a um baixo custo e passando a constituir um material atrativo aos leitores, o uso de fotografias passou a crescer – tanto nos Estados Unidos quanto fora dele. A tecnologia, entretanto, não se disseminou ao redor do mundo com a mesma velocidade que em solo estadunidense, e em decorrência disso, a história fotojornalística brasileira possui uma gama de particularidades.

Apesar de o *halftone* já ser utilizado em 1880 nos EUA, por conta das distinções entre os parques gráficos, o uso da fotografia nos jornais brasileiros, em tal época, não era exatamente difundido. Muito pelo contrário, os jornais brasileiros de maior circulação e expressividade eram compostos majoritariamente por colunas de textos – e raras eram as vezes em que ilustrações eram sequer utilizadas.



Figura 2. 1ª edição do Estado de São Paulo (Estadão), publicada em 1890. Ao lado, 1ª edição da Folha de São Paulo, publicada em 1920. Nenhuma ilustração à vista.

Dentre os grupos que efetivamente disputaram mercado no início do século XX com “O Globo”¹⁰, “Estadão”, “Folha de S. P.”, “Jornal do Brasil” e os “Diários Associados” configuravam-se enquanto seus maiores concorrentes. E, muito

¹⁰ Haja vista que a retratação das capas de tal jornal constituem o cerne deste trabalho, este é o motivo para tal comparação.

provavelmente, é graças ao excepcional trabalho realizado por este último que a própria existência desta monografia se deve – já que sem a existência de “O Cruzeiro”, publicação pertencente aos Diários Associados, é difícil imaginar como seria o atual panorama do fotojornalismo brasileiro.

O salto temporal a ser abordado, de 1880 para 1928, não impacta de maneira expressiva a utilização de fotografias na maior parte dos grupos anteriormente mencionados. À exceção de O Globo, que em 1926 já fazia uso de fotografias em suas capas de forma expressivamente maior em relação aos seus concorrentes, poucas eram as fotografias utilizadas em capas pelos demais grupos. Em 1928, todavia, a chegada d’O Cruzeiro caracterizaria um marco fundamental na história do fotojornalismo brasileiro. E faria com que todos os demais concorrentes tentassem acompanhar o ritmo.

Idealizado por Assis Chateaubriand, a revista ilustrada semanal “O Cruzeiro” caracterizou um marco na imprensa brasileira por um motivo aparentemente simples aos dias de hoje, mas revolucionário à época: romper com a linguagem que então estava em voga nesta mesma imprensa. Chateaubriand estabeleceu um padrão visual até então nunca contemplado, em decorrência de sua escolha por adquirir tecnologia gráfica inédita no país – ainda que a custos proibitivamente exorbitantes –, e priorizar o fotojornalismo.

[...] a Cruzeiro de Chateaubriand era uma revista com papel da melhor qualidade, repleta de fotografias, contaria com os melhores articulistas e escritores do Brasil e do exterior, e assinaria todos os serviços estrangeiros de artigos e fotografias. Impressa em quatro cores pelo sistema de rotogravura, a revista teria de ser rodada em Buenos Aires, já que a qualidade das gráficas brasileiras estava “abaixo do nível das africanas”. E tinha mais: Cruzeiro seria semanal, com tiragem de 50 mil exemplares [...] que circulariam em todas as capitais e principais cidades do Brasil. (MORAIS, 1994, p. 178)

Como Fernando de Moraes (1994) aponta em “Chatô: O Rei do Brasil”, as aspirações em torno de O Cruzeiro eram megalomaniacas. Não à toa, uma verdadeira fortuna era necessária para que seu nascimento pudesse ocorrer – à época, “250 contos de réis”, além da quantidade de contratos publicitários que teriam de ser assumidos pela publicação para que sua sobrevivência pudesse ser garantida.

Contudo, graças a uma série de fatores, a aposta mostrou-se frutífera por anos a fio. Seja pelas táticas de *lobby*, cartel ou *dumping* promovidas por Chateaubriand, seja pela inércia dos concorrentes em lançar um produto que conseguisse disputar o mercado diretamente, O Cruzeiro triunfou por uma quantia de tempo considerável. Prova disso foi sua tiragem, que 24 anos após sua estreia, continuava extremamente elevada para a época,

girando em torno de “370 mil exemplares por semana”.

Um dos fatores para que tamanho porte pudesse ser mantido era uma espécie de ciclo virtuoso criado por Chateaubriand: a revista vendia uma tiragem elevada, dentre outros aspectos, graças à sua elevada qualidade visual. Por conta do volume de vendas, podia financiar este mesmo projeto visual de alta qualidade, fator que alavancava suas vendas, lhe garantindo extensa receita publicitária – e assim por diante.

3.2. A ascensão dos fotojornalistas brasileiros e seu papel como agentes de resistência

Decidida a explorar até a exaustão o rico veio da grande reportagem, a revista mantinha permanentemente equipes de repórteres e fotógrafos espalhadas pelos mais remotos pontos do planeta. Em uma única semana daquele ano de 1952 era possível ler reportagens enviadas de Helsinque, na Finlândia, por João Martins; de Denver, nos Estados Unidos, por Luciano Carneiro; de Farmington, também nos EUA, por David Nasser; dos confins da África, por Pierre Verger; de Paris, por José Medeiros; de Araguari, no interior de Minas, por Eugênio Silva; do Equador, por José Amádio; do Alto Xingu [...] (MORAIS, 1994, p. 530-532)

Conforme pontuado por Moraes, ainda, é evidente a prioridade que o Cruzeiro alocava a suas pautas fotográficas. É exatamente graças à opulência do investimento nesta área que o trabalho fotojornalístico pôde vir à tona em território brasileiro, consolidando e consagrando um novo padrão produtivo. Com isto, não apenas uma série de fotojornalistas brasileiros pôde se ver rodeado de pautas e estruturas inéditas que lhe permitiam experimentar, criar e inovar num nível nunca antes visto – mas também, fotojornalistas estrangeiros que se radicaram no Brasil graças à revista.

Dentre os estrangeiros, é imprescindível mencionar a importância e as contribuições que dois franceses radicados no Brasil, Jean Manzon e Pierre Verger, estabeleceram ao fotojornalismo nacional. Manzon, por exemplo, munuiu-se e viabilizou a utilização de uma série de estratégias nem um pouco ortodoxas para os padrões da época. Nas palavras de Moraes (1994), ao entrar em O Cruzeiro, Manzon espantou-se com o que viu. Para o francês, então, “aquilo não é uma revista, mais parece um catálogo, uma galeria de retratos parados, idênticos”.

Além disso, provavelmente para estampar uma publicação rica, imagina Manzon, dezenas de fotos minúsculas são estampadas uma ao lado da outra, como se fossem uma coleção de selos. Tudo isso sobre um papel tão ruim que,

mesmo com máquinas de boa qualidade, para aquele europeu habituado ao requintado papel cuchê de Paris-Match a impressão sugeria que as fotos fossem manchas de tinta. [...] O francês estava desanimado quando Freddy (sobrinho de Chateaubriand) fez-lhe um desafio: “a partir de hoje, a capa da revista e mais dez páginas internas são responsabilidade sua. Eu lhe dou carta branca para trabalhar, você faz o que quiser”. O francês topou, mas queria introduzir no Brasil um hábito da imprensa de reportagens europeia: a dobradinha repórter-fotógrafo. (MORAIS, 1994, p. 418)

É de sua autoria uma série de “novos enquadramentos, ‘closes de arrepiar’ e ângulos nunca antes imaginados”¹¹, os quais se mostravam, então, completamente atípicos, conquistando uma série de leitores. O porte do trabalho de Manzon era tamanho que, em uma de suas reportagens mais icônicas – ao lado do repórter David Nasser, “Enfrentando os Chavantes” –, as edições de O Cruzeiro se esgotaram nas bancas, e os exemplares passaram a ser disputados no mercado negro.

Para Antonio Callado, um dos pioneiros das viagens de brancos à Amazônia, “aquela reportagem significou, no sentido cabal do termo, a descoberta do índio brasileiro”. Para O Cruzeiro, ali estava a marca registrada que a acompanharia pelo resto de sua existência – a de uma revista de grandes reportagens. E, para os milhares e milhares de leitores, nascia quase um slogan que eles se habituaram a aguardar com ansiedade, todas as semanas, pelos quinze anos seguintes: “Texto de David Nasser, Fotos de Jean Manzon”. (MORAIS, 1994, p. 419-420)

Manzon finalmente consolida a fórmula que passaria a pautar O Cruzeiro por anos a fio – até sua eventual derrocada, graças a uma série de erros estratégicos por parte dos Diários Associados – e, com tanta expressividade quanto, eclode Pierre Verger. Apesar de não fotografar estritamente sob a mesma lógica de produção de Manzon, Verger realiza uma série de *etnofotografias*, que também acabam por marcar a imprensa nacional. São de sua autoria os registros fotográficos mais extensos acerca da diáspora africana nas Américas na década de 50 – além de uma série de outras fotografias, publicadas em O Cruzeiro, que possuíam como cerne a própria África.

Se Manzon e Verger se fizeram importantes enquanto estrangeiros, igualmente importantes fizeram-se os brasileiros José Medeiros e Flávio Damm. Medeiros, piauiense que ingressou no Cruzeiro aos 25 anos, estabeleceu um marco na fotografia brasileira a ponto de ser alcunhado, informalmente, como “o único a saber fazer uma luz brasileira”¹².

¹¹ LIMA, Natalie. Resenha do livro “Cobras criadas: a vida de um brilhante cascadeiro”, de Luiz Maklouf. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 27 dez. 2001. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp01012002993.htm>. Acesso em: 24 jun. 2018.

¹² **José Medeiros – Instituto Moreira Salles**. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/jose-medeiros/>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Detentor de cerca de 20 mil negativos, até hoje possui seu acervo conservado pelo Instituto Moreira Salles.

Damm, que ingressou no Cruzeiro aos 29 anos – em um convite realizado após realizar as primeiras fotografias de Getúlio Vargas em sua fazenda após seu afastamento da presidência da república¹³ –, consagrou-se enquanto um dos maiores nomes no fotojornalismo, também. Medeiros, em parceria com Damm, fundou a agência fotográfica Image, em 1962 – uma das primeiras do gênero do país.

Com uma geração de fotojornalistas apurados visualmente, graças ao impacto e à disrupção provocada por O Cruzeiro, a influência foi palpável em virtualmente qualquer redação brasileira. Ao menos, as que almejavam fornecer conteúdo de ponta a seus leitores – o que, em tese, abrange a maior parte dos grupos jornalísticos brasileiros de grande alcance anteriormente citados.

Tal influência afetou o fotojornalismo brasileiro não apenas estrita e tão somente do ponto de vista técnico, conforme a tecnologia fotográfica, tanto para produção quanto reprodução avançava – mas principalmente, do ponto de vista narrativo. As narrativas fotográficas, em particular por conta das extensas fotorreportagens publicadas por O Cruzeiro, foram tornando-se densas, profundas, passando a efetivamente pautar os rumos da publicação – e graças a tal característica, igualmente a capacidade de narração e síntese dos fotógrafos teve de ser apurada. Não através de seus textos, mas através de suas fotos. A “dobradinha” estabelecida no Cruzeiro por Manzon, inegavelmente, afetou o curso do fotojornalismo brasileiro.

A capacidade de síntese apurada se mostraria imprescindível alguns anos mais à frente – especificamente, em 1964, quando o Golpe Militar brasileiro transcorreu, afetando de maneira irreversível os mais diversos setores sociais brasileiros. É graças a tal cenário apocalíptico, contudo, que se dá início um dos episódios mais importantes na história da imprensa brasileira: a oposição ao golpe, passível de sumárias punições, realizada por redações ao longo de todo o território brasileiro – e, em particular, por seus fotojornalistas.

Do ponto de vista simbólico, provavelmente a maior e mais importante ferramenta de resistência à censura residia em algo que dificilmente podia ser inspecionado e “regulado” pela Divisão de Censura: registros fotográficos. Diferentemente de manchetes, textos ou fragmentos, que eram passíveis de amplo escrutínio por conta de sua literalidade,

¹³ **Flávio Damm – Enciclopédia Itaú Cultural.** Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19138/flavio-damm>. Acesso em: 24 jun. 2018.

além de facilidade de retransmissão, fotografias podiam conter amplos e incontáveis mecanismos de significância, encobertos diante dos olhos de censores.

É aqui que grande parte dos jornais mais se via livre para atuar, justamente por conta da dificuldade de um censor em apontar o que era passível de ser aprovado ou reprovado – e com isso, fotógrafos que soubessem transitar incólumes em diferentes ambientes, enquanto simultaneamente imbuíam críticas sutis em seus registros, só tinham a ganhar.

Não por acaso, um destes fotógrafos, o qual mais obteve expressividade e relevância na época – a ponto de ser tido por muitos como o principal fotógrafo do período militar –, Evandro Teixeira, teve sua carreira determinada por um exemplar de O Cruzeiro. Foi em seu primeiro contato com a publicação que se decidiu irreversivelmente sobre a profissão que assumiria – e provavelmente dali nasceu também sua sensibilidade, apta tanto a driblar censores quanto a captar emoções inefáveis em seus registros.

É nas mãos de Evandro que o principal acervo fotográfico brasileiro sobre o regime nasce. Trabalhando para o Jornal do Brasil, Teixeira infiltrou-se em meio aos quartéis, no sentido literal da palavra, e passou a registrar tudo que lhe fosse possível. É de sua autoria, por exemplo, a foto que marca a tomada do Forte de Copacabana – um registro completamente noturno, realizado durante forte chuva, que se ampara no contraste provocado pela silhueta de soldados em uma contraluz provocada por holofotes.

Também lhe pertence a maior parte dos registros que hoje são utilizados enquanto síntese absoluta do regime: as fotografias da oncológica Passeata dos Cem Mil, de junho de 1968. Multidões, cavalaria, caos e cassetetes militares disputam o espaço em cada negativo registrado por Teixeira – que soube maestralmente se posicionar, literal e metaforicamente, em cada imagem produzida.

A gente trabalhava sob terror. Ninguém sabia se voltaria para a redação. Mas eu fotografava mesmo assim. Trabalha mesmo assim. Eu gostava de fazer aquilo porque era contra a ditadura. E a maneira de ser contra não era subindo em palanque, porque não era mais estudante, já tinha sido. Eu era jornalista, e burlava a censura por prazer. (TEIXERA, 2018)¹⁴

O tipo de narrativa estabelecido por Evandro não foi um marco apenas por se

¹⁴ JORNAL DO BRASIL. Ditadura – Evandro Teixeira mostrou em imagens o período mais sombrio da história. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 mar. 2018. Disponível em: <http://m.jb.com.br/1968-brasil/noticias/2018/03/25/ditadura-evandro-teixeira-mostrou-em-imagens-o-periodo-mais-sombrio-da-historia-brasileira/>. Acesso em 24 jun. 2018.

consagrar contra o poder vigente, mas principalmente, por conta da sensibilidade com que o autor buscava mecanismos de discurso que continuassem a lhe permitir trabalhar. Era indispensável encontrar o ponto exato, em um tênue limiar, que lhe permitisse registrar e publicar sua obra – como por exemplo, um registro no qual são exibidas libélulas pousadas sob as baionetas de soldados do exército. Em um evento no qual a presença de um marechal era o principal fato a ser noticiado, tal fotografia possuía uma notável subversão em si – sem necessariamente, fazê-lo de maneira explícita.

Buscar mecanismos, dispositivos e saídas que permitam a qualquer membro da imprensa realizar seu trabalho em meio a uma extensa lista de itens a serem veladamente censurados constitui, sem dúvida, um de seus principais desafios diários. O que Teixeira realizou através de suas imagens, pelo Jornal do Brasil, não apenas constitui um marco histórico – à medida que hoje, os registros daquela época perduram graças a seus esforços –, mas em particular, narrativo.

No período anterior ao regime, obviamente determinados casos exigiram algum tipo de “saída” para que pudessem ser noticiados, mas dificilmente demandaram soluções tão complexas quanto de 1964 a 1985. É através das lentes de Evandro que ascende uma espécie de subversão que passaria a pautar o fotojornalismo brasileiro como um todo. Em virtude exatamente deste tipo de comportamento, hoje extensos registros fotográficos sobre a história política brasileira são, e continuam sendo, produzidos.

Indo desde a redemocratização a 2018, ou de Sarney e Tancredo a Michel Temer, infindáveis são as imagens que perpassam a história política brasileira. É graças a estes registros fotográficos que novas narrativas podem ser pautadas por veículos auto-proclamados “isentos”, opositores e aliados. E, o principal, é graças a estas imagens que uma resistência difícil de ser controlada ou driblada tem a chance de operar: a realizada por fotojornalistas.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: MICHEL TEMER PRÉ E PÓS 12/05/16

Compreender a narrativa pautada pela Imprensa relativa a Michel Temer é de suma importância para este capítulo, tendo em vista que tal cobertura representa o cerne deste trabalho. Por conseguinte, antes de elencar quaisquer aspectos relacionados à maneira como a qual Temer foi representado na maior parte dos jornais brasileiros que alinharam seus discursos a ele, parcial ou totalmente, é fundamental pontuar como tal relação se dava antes de sua chegada à presidência.

Amplamente conhecido por sua “discrição” e por ser “conciliador”, de acordo com um perfil elaborado pela Reuters e publicado em O Globo¹⁵, Temer começou a atuar cedo na vida pública. Nascido em 1940, em Tietê (SP), graduou-se em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) em 1964 – onde atuou em meio à política estudantil, elegendando-se tesoureiro do Centro Acadêmico de seu curso.¹⁶

Em 1968, tornou-se Diretor da pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); em 1970, Procurador do Estado de São Paulo; em 1974, Doutor em Direito Público pela PUC-SP; em 1978, Procurador-chefe da Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo; em 1983, Procurador-geral do Estado de São Paulo. Do ponto de vista da progressão de carreira, uma ascensão meteórica. Filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (antigo PDMB, agora MDB) em 1981, em 1984 assumiu a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e, em 1987, tornou-se deputado federal pelo mesmo estado.

Tendo atuado como deputado federal ao longo de seis mandatos e presidido a Câmara ao longo de três biênios, não é difícil prospectar acerca de sua capacidade de mobilidade em meio ao poder. Não obstante, atuou como Presidente Nacional do MDB por mais de uma década¹⁷, usualmente buscando apresentar-se enquanto fiel à coalizão que liderava. Em claro exemplo do capital político que possuía, Temer não apenas conseguiu

¹⁵ CAVERNI, Alexandre. PERFIL – Político hábil, Temer assume a Presidência buscando equilibrar conciliação e firmeza. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31 ago. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/perfil-politico-habil-temer-assume-presidencia-buscando-equilibrar-conciliacao-firmeza-20027729>. Acesso em: 25 maio 2018.

¹⁶ RODAS, Sérgio. Se houver *impeachment*, Michel Temer será 22º advogado a presidir o Brasil. **ConJur**, São Paulo, 16 abr. 2016. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2016-abr-16/houver-impeachment-michel-temer-22-advogado-presidente>. Acesso em: 25 maio 2018.

¹⁷ ÉPOCA. Temer assumiu a Presidência após Dilma Rousseff ser afastada com a abertura do processo de impeachment. **ÉPOCA**, Rio de Janeiro, 16 maio 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2016/05/michel-temer.html>. Acesso em: 25 maio 2018.

liderar uma coalizão completa ao Partido dos Trabalhadores (PT) pela primeira vez¹⁸ – já que tal aliança não conseguiu ser realizada no primeiro mandato de Lula, sendo efetivada apenas no segundo mandato, já em 2006 –, como logrou imenso êxito em continuar transmitindo, desde então, a imagem de fiel ao governo. Ao menos, do ponto de vista midiático.

Uma clara evidência desta suposta fidelidade, por exemplo, pode ser encontrada em um trecho de seu discurso proferido ao lado de Dilma Rousseff (PT), ao reassumir a presidência do MDB, em 2013:

Vamos manter essa aliança indestrutível, PT-PMDB, com Vossa Excelência conduzindo os destinos do país para o bem e o aplauso de todo o povo brasileiro, mas particularmente do nosso PMDB. (TEMER, 2013; grifo nosso)¹⁹

Apesar de sustentar com êxito, ao longo de uma considerável parcela de tempo – sendo contabilizados aqui quase 10 anos, no período de 2006 a 2015, início da crise responsável por levar Michel ao cargo máximo da República –, Temer nunca foi exatamente o tipo de pessoa a prezar pelos holofotes. Pode ter sido uma estratégia deliberada, já que a discrição facilitaria consideravelmente quaisquer tipos de articulações. Pode ser, entretanto, que não ocupar um lugar de protagonismo no panorama político a nível nacional fosse justamente em virtude da ausência de capital midiático para tal.

Seja como for, tal cenário mudaria radicalmente ao final do ano de 2015. Com o sucessivo desgaste político de Dilma, reeleita há pouco mais de um ano, a icônica carta-bomba de Temer “vazada” à imprensa, *verba volant, scripta manent*²⁰, marcaria a derrocada do mandato petista de maneira irreversível.

Com a iminente queda de Rousseff, as articulações para alçar Temer à presidência começavam a ganhar força, forma – e o principal, a serem especuladas por grandes veículos, aqui em particular *O Globo* e *Extra*, praticamente como inevitáveis. Na maioria esmagadora de jornais de grande circulação, o tom era de que, certamente, Dilma iria cair.

¹⁸ COLON, Leandro. PMDB aprova participação no governo de coalizão de Lula. **G1**, Brasília, 30 nov. 2006. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1370004-5601,00-PMDB+APROVA+PARTICIPACAO+NO+GOVERNO+DE+COALIZAO+DE+LULA.html>. Acesso em: 25 maio 2018.

¹⁹ G1. Michel Temer volta a presidir o PMDB. **G1**, Rio de Janeiro, 02 mar. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/03/michel-temer-volta-presidir-o-pmdb.html>. Acesso em: 25 maio 2018.

²⁰ MORENO, Jorge. Exclusivo: carta de Temer a Dilma. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 dez. 2015. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/exclusivo-carta-de-temer-dilma.html>. Acesso em: 25 maio 2018.

Temer, tido então como o principal nome a ser conduzido ao poder, teria caminho livremente pavimentado para sua ascensão ao Planalto – e assim o foi.

Os meses que antecederam o afastamento de Dilma, tornado oficial em 12 de maio de 2016, foram de evidente alegria e regozijo às alas abertamente liberais dos *formadores de opinião* do grupo Globo – incluindo aqui, em especial, Merval Pereira. Com a proposta de “enxugar a estrutura do Estado”²¹, propor um “governo de salvação”²² e “proteger a Lava-Jato”, os primeiros dias que marcaram o início da era Temer foram incontestavelmente festejados. Eclodia, não mais de forma embrionária, mas em estágio já avançado, a construção de sentido do *bem contra o mal*, onde Michel iria, *sine dubia*, conduzir a nação ao eixo certo. O declarado *establishment* finalmente conseguia retornar ao poder.

Onze dias depois, em 24 de maio de 2016, a manchete estampada na capa de O Globo era “Grampo derruba Jucá, desafia Temer e alarma cúpula do PMDB”. No grampo, o senador Romero Jucá havia sido flagrado em uma de suas mais icônicas falas ao longo do governo Temer: sua preocupação era “estancar a sangria”²³ proveniente da Operação Lava Jato – e sem a menor cerimônia ou discricção, Romero se envolveu em um diálogo comprometedor com o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado. Na ligação, Machado e Jucá sugeriam que “a solução mais fácil era botar o Michel Temer” na presidência, “num grande acordo nacional”, “com o Supremo, com tudo”. Jucá, enfático, pontuava que com isso, “delimitava onde está, pronto”. Em tese, o tom de festa inicial perpetrado pelos grandes *media* começava a ruir, em particular porque Dilma não estava *fora* do cargo da presidência, mas apenas *afastada*. Apesar das inúmeras “crises” vividas entre maio e agosto daquele mesmo ano, entretanto, pouco importaria ou mudaria no final das contas: Temer acabaria por ser oficialmente empossado em 31 de agosto de 2016.

No dia seguinte à posse, em 1º de setembro de 2016, “E agora, Temer?” podia ser lido em letras garrafais, ocupando as seis colunas da mancha gráfica da capa de O Globo. O jornal propunha diversos compromissos ao recém-empossado, inclusive pressionando-o de maneira um tanto quanto incisiva, à medida que mencionava uma contagem regressiva para o fim de seu mandato: “Presidente terá 2 anos e 4 meses para cumprir

²¹ Anexo 1, pág. 49

²² Anexo 2, pág. 50

²³ VALENTE, Rubens. Em diálogos gravados, Jucá fala em pacto para deter avanço da Lava Jato. **Folha**, São Paulo, 23 maio 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>. Acesso em: 24 jun. 2018.

compromissos”²⁴. É interessante apontar que, ainda que longe da mancha gráfica da fotografia ao topo da capa, já é possível visualizar o começo da tentativa de emplacar um progresso econômico, atrelado à figura de Temer: ao rodapé da capa, é possível ler que o “PIB cai pela 6ª vez, mas dá sinais de retomada”.

A partir de setembro, apesar de ainda sofrer relativa oposição – na medida em que, mais uma vez, novas “crises” eram vividas conforme denúncias eram apresentadas pelo Ministério Público Federal contra seus ministros –, Temer gozava de apoio em editoriais ao redor do país. *O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, Extra*; pouco importava se havia alguma eventual manchete desfavorável. Em seus editoriais, e no decorrer da construção de sentido realizada ao longo de suas matérias, reportagens e programação diária, dificilmente qualquer veículo buscava atacar diretamente o emedebista.

Temer chegou até mesmo a ser agraciado com a nomenclatura *dream team* à sua equipe econômica em diversos jornais^{25,26}, pouco importando às narrativas restantes, abordando outros ministérios, se o resto de seus homens-fortes era uma “equipe dos sonhos” ou não. Com o vertiginoso aumento feito nas despesas com a Secretaria de Comunicação Social, a ponto de ter de realizar um pedido de crédito suplementar para poder manter o aparato funcionando²⁷, buscar apoio editorial tornou-se algo facilmente exequível ao governo emedebista. Prova disso foram as inúmeras tentativas de barganha por apoio editorial, na tentativa de abafar escândalos como os da gravação de Joesley Batista²⁸ ou buscar enaltecer operações como a Intervenção Federal decretada no estado do Rio de Janeiro²⁹ – tida por críticos de Temer como uma tentativa de “esconder o fracasso de seu governo”, conforme apontado por matéria publicada por O Globo.

Uma variável custosa a ser controlada, entretanto, talvez possa ter sido subestimada por expressivas alas do governo. Embora o apoio editorial possa ser controlado de maneira

²⁴ Anexo 3, pág. 51

²⁵ JIMÉNEZ, C., BENITES, A. Temer agrada com nomes de equipe econômica e frustra nas demais áreas. **EL PAÍS Brasil**, São Paulo, 13 maio 2016. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/05/politica/1462446816_018114.html. Acesso em: 25 maio 2018.

²⁶ GERBELLI et al. “Com impeachment o risco Brasil cai imediatamente”. **Estadão**, São Paulo, 19 mar. 2016. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral.com-impeachment-o-risco-brasil-cai-imediatamente.1000022171>. Acesso em: 25 maio 2018.

²⁷ BERGAMO, Mônica. Governo Temer quase esgota verba de publicidade já no primeiro semestre. **Folha**, São Paulo, 25 jul. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/columnas/monicabergamo/2017/07/1903994-governo-temer-quase-esgota-verba-de-publicidade-ja-no-primeiro-semester.shtml>. Acesso em: 25 maio 2018.

²⁸ Anexo 4, pág. 52

²⁹ Anexo 5, pág. 53

relativamente fácil – dado que basta cortar a verba publicitária para imediatamente repreender uma publicação desfavorável –, o mesmo não pode se dizer a respeito de uma fotografia. Ao menos, não de forma clara e objetiva.

Da mesma forma como os fotojornalistas brasileiros encontraram meios de driblar censores e órgãos do Estado ao longo da Ditadura Militar, o mesmo parece estar se repetindo no atual momento político. Por conta de diversas questões que serão elencadas durante os capítulos a seguir, controlar o discurso atrelado a uma fotografia se faz de maneira muito mais complexa e desafiadora do que aquele contido em uma mera manchete ou qualquer outra forma de expressão textual.

Se um texto *per se* já depende de estar dentro do contexto adequado para que possa ser decodificado corretamente, uma foto exige ainda mais do espectador que a observa. Não à toa, o Manual de Redação da Folha busca esclarecer de que forma tal contextualização pode se dar, visando sanar quaisquer eventuais dúvidas do leitor:

A legenda não é colocada sob a foto apenas para descrevê-la, embora não possa deixar de cumprir essa função. Por ser um dos primeiros elementos da página que atrai o leitor, merece tanto cuidado quanto os títulos. Deve ser atraente e conquistar a atenção. A boa legenda também esclarece qualquer dúvida que a foto possa suscitar. Deve salientar todo aspecto relevante e dar informação adicional sobre o contexto em que ela foi tirada. Não deve simplesmente descrever aquilo que qualquer leitor pode ver por si só. A legenda fotográfica deve atender à curiosidade do leitor, que deseja saber o que ou quem aparece na foto, o que está fazendo, onde está. Sempre que for cabível, deve usar verbo no presente (o presente do momento em que a foto foi tirada). (FOLHA, 2015, p. 77-78)

Apesar de demonstrar elevada sobrepujança, em virtude de seus vultosos investimentos publicitários, nenhum governo tem como manifestar ou possuir pleno e total controle a respeito de fotografias que o retratem. Não importa se democrático ou ditatorial, se repressivo ou libertário: dificilmente é possível identificar e alvejar todas as críticas possíveis em uma imagem. Proibir ou coibir sua circulação pode até se mostrar possível – mas tal proibição, usualmente, resulta em uma difusão ainda maior. A proibição de qualquer item, em geral, tende a deixá-lo mais atraente. Aos retratados, resta esperar e torcer pra que aquele conteúdo tenda a cair no esquecimento – algo que, em virtude do *modus operandi* de determinados jornais e organizações, pode facilmente ocorrer.

5. A DICOTOMIA ENTRE “LINHA EDITORIAL A SER SEGUIDA” E “O POPULAR” NAS CAPAS D’O GLOBO E DO EXTRA

As Organizações Globo, detentoras de numerosos produtos midiáticos nas mais diversificadas plataformas – impresso, televisivo, *on-line*, *mobile* e assim por diante -, recentemente passaram por um processo de *rebranding*, deixando de ser denominada “Organizações Globo” para, desde 2014, se tornar “Grupo Globo”³⁰. Segundo o grupo, “a mudança faz parte de um processo que busca estimular a troca de experiências entre empresas em áreas como tecnologia, produção e conhecimento do consumidor”.

Tal mudança, aparentemente mais simbólica do que efetivamente disruptiva – já que, nas palavras do presidente do grupo, “é uma evolução natural, e não uma ruptura” -, aponta para um suposto “olhar adicional para sinergias, colaboração com os demais e compreensão do ambiente maior (entre diferentes produtos e empresas do grupo)”. Por conta disso, analisar o comportamento adotado entre dois veículos pertencentes ao mesmo grupo constitui uma peculiar tarefa.

Se agora o “novo” Grupo Globo, em tese, se encontra ainda mais “sinérgico” do que o usual, tal mudança se manifestaria de maneira palpável até mesmo em diferentes produtos pertencentes ao mesmo grupo? Tomando como base “O Globo”, jornal de relevância nacional, e “Extra”, veículo essencial às estratégias de posicionamento mercadológico do Infoglobo – e, por conseguinte, ao Grupo Globo –, os dois se alinhariam, necessariamente, em todas as suas linhas de discurso? Mais do que isso, utilizariam estes jornais estratégias similares na abordagem de seus respectivos públicos-alvo?

O Globo representa, hoje, o jornal impresso de maior circulação nacional, de acordo com dados disponibilizados pelo Instituto Verificador de Comunicação, (IVC)³¹, datados de 2017. Em dezembro daquele ano, foram 130.417 exemplares impressos – ante os 121.007 impressos pelo 2º colocado, a “Folha de S. P.”. Ainda que ao longo dos anos a tiragem de O Globo tenha apresentado um padrão constante de queda, é inegável que desde 1925, tal jornal constitui uma ferramenta de informação de alta relevância para uma significativa parcela da população brasileira.

³⁰ O GLOBO. Organizações Globo adotam nova marca: Grupo Globo. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 27 ago. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/organizacoes-globo-adotam-nova-marca-grupo-globo-13739502>. Acesso em: 01 jun. 2018.

³¹ PODER360. Tiragem impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. **PODER360**, Brasília, 31 jan. 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>. Acesso em: 01 jun. 2018.

Representando um meio consumido majoritariamente por estratos sociais mais abastados – particularmente, transitando entre os segmentos A+ e B- –, sua importância é, de forma incontestada, manifestada diretamente em relações econômicas, políticas e até mesmo sociais, a nível nacional.

Existem fatores extremamente importantes a serem considerados ao longo da análise proporcionada pelo material originado nas capas de O Globo, de forma a que sua distinção ante o Extra possa ser corretamente pontuada.

Diferenciando-se diametralmente da proposta apresentada por seu companheiro de parque gráfico, voltado para um público-alvo com poder aquisitivo inferior, O Globo coloca-se enquanto um produto sofisticado, de grande primor e requinte. Justamente por conta desta aura de sobriedade, O Globo busca estabelecer uma perspectiva de diálogo local e, simultaneamente, nacional – onde questões como a violência que tradicionalmente assola o Rio de Janeiro não deixam de ser abordadas, mas ao mesmo tempo, Brasília, São Paulo e outras cidades usualmente também pautam o jornal.

Sob uma perspectiva reducionista, pode-se dizer que esta é uma distinção acentuada entre os dois jornais: em O Globo, tanto a região metropolitana do Rio quanto questões nacionais são comentadas, com uma espécie de proporcionalidade igual no destaque concedido às duas. No Extra, o cerne de fato é o Rio, não apenas em sua região metropolitana, mas em todo o Estado. Enquanto O Globo dialoga sob uma perspectiva nacional e, simultaneamente, local, o Extra é pautado quase que inteiramente como um jornal local, que eventualmente comenta questões nacionais – e tal fato será um ponto importante mais à frente.

As principais temáticas de O Globo orbitam em torno de questões que possam soar essenciais ou relevantes aos compradores em potencial do jornal. As análises feitas por ele usualmente são pautadas sob um linguajar rebuscado e complexo, em matérias que eventualmente podem se demonstrar extensas a ponto de impossibilitarem uma mera leitura corriqueira. Dialogando de maneira simplista, O Globo não é um produto feito para ser sucinto, mas sim, explorar e dissecar ao máximo cada assunto possível, sob cada ângulo possível – desde que isto não vá de encontro aos interesses do jornal, obviamente.

As questões abordadas por O Globo apresentam diferentes escopos, mas dificilmente deixando de buscar uma estética sóbria e rebuscada. O caderno de cultura, por exemplo, é pautado majoritariamente por elementos da “alta cultura”, raramente abordando elementos “populares” com o mesmo destaque. Tal visão também se aplica à cobertura

esportiva e futebolística do jornal: apesar de buscar elaborar suas notícias com humor e irreverência, esta irreverência não pode soar descomedida – é necessário atingir um limiar ideal, para que o produto soe relativamente sofisticado, e não “escrachado”, abordagem tipicamente utilizada pelo Extra.

Também são abordados temas como a programação televisiva, questões inerentemente ligadas à mídia (eventos de extensa cobertura midiática como Carnaval, feriados que “aqueçam a economia”, Olimpíadas), obituários dotados de “noticiabilidade”, pequenas curiosidades e trivialidades, como exemplos de “superação”, “vida saudável”, etc. Em suma, do ponto de vista de riqueza e diversidade de pautas, O Globo aborda a maioria dos assuntos também abordados por seus concorrentes e similares – mas sempre buscando adotar seu posicionamento enquanto um produto *premium*, que não pode, nem tampouco deve, adotar a mesma roupagem utilizada por seus concorrentes.

No que tange a política e particularmente as questões econômicas, raras são as vezes em que o jornal busca amparar algum discurso que possa representar qualquer tipo de oposição editorial. Operando de maneira linear, seus editoriais usualmente buscam acompanhar as tendências do “mercado”, dificilmente se posicionando de forma explícita contra qualquer ordem imposta pelo *establishment*.

Não apenas as questões políticas do Estado do Rio de Janeiro são abordadas em O Globo, mas com significativo destaque, também aquelas que concernem ao Distrito Federal. Figuras político-institucionais localizadas em Brasília são quase onipresentes ao longo das edições do jornal – com destaque aos três Poderes e seus respectivos representantes. Deputados, ministros e a figura do presidente estampam, exaustivamente, as capas do jornal – sendo raras as vezes em que não há nenhuma fotografia de cunho político na primeira página. Evidentemente, Michel Temer engloba-se em tal grupo, possuindo um altíssimo número de menções diretas, se comparado ao Extra.

O Extra, por sua vez, realiza outro tipo de abordagem justamente em virtude de sua natureza diferenciada ante O Globo. Fundado em 1998, 73 anos mais jovem que seu irmão mais velho, suas necessidades e até mesmo seu apelo se dão de maneira violentamente distinta. O Extra não possui como missão primordial informar seus leitores a respeito de questões complexas, nem tampouco segue a mesma lógica de hierarquização e critérios de noticiabilidade de O Globo. Sendo o “jornal mais lido do Brasil pelas classes B e C”³², é natural que sua prioridade seja informar este público-alvo, buscando mecanismos e

³² De acordo com pesquisa de mercado realizada pela empresa Ipsos Marplan, no período de jan.-dez. 2014.

alternativas que dialoguem diretamente com esta parcela.

Diferentemente de O Globo, seu *modus operandi* não gira em torno de dissecar a realidade através de uma ótica impecável, mas sim, sintetizar questões do cotidiano de seu público-alvo. Um dos cerne aqui é, inclusive, propiciar relatos e notícias que podem afetar ou impactar diretamente a vida daqueles que compram e consomem suas informações.

Questões recorrentes são pequenas curiosidades, trivialidades (particularmente, a sessão “Retratos da Vida”), resultados de partidas de futebol, “subcelebridades” (ex-BBBs, “Musas do Instagram”, “musas” de baterias carnavalescas, etc.), a Guerra do Rio, o funcionamento de serviços de transporte, questões inerentes ao governo do Estado – e, notavelmente, a violência. Não apenas a gerada pela supracitada “Guerra do Rio”, mas sim aquela oriunda de crimes bárbaros, que passam a ser extensa e intensivamente explorados – tais como estupros coletivos, ou chacinas, como, por exemplo, a de Costa Barros.

Como apontado por Mina (2011), o Extra “realiza um forte apelo à emoção de seus leitores, característica primordial dos jornais de cunho popular”. Há nele um componente muito forte calcado no *pathos*, onde a figura padrão de “imparcialidade jornalística” costuma passar longe. Não raro, o veículo busca realizar construções no sentido de “bem contra o mal”, buscando preservar o Estado e seus representantes diretos. Um exemplo claro pode ser conferido em um caso de policiais abatidos ao longo de um confronto, onde se buscou humanizar a tropa abatida, utilizando figuras de linguagem como “não perdemos quatro policiais no helicóptero”, mas sim “perdemos Félix, Camilo, Willian e Rogério”³³.

Ainda de maneira distinta ante O Globo, é raro o destaque dado a questões políticas nacionais. Ao longo da janela temporal analisada neste trabalho – que compreende 12 de maio de 2016 a 12 de maio de 2018 –, raras foram as vezes em que o Extra sincronizou suas fotos de primeira capa com O Globo. Enquanto O Globo busca se ater a questões diretamente vinculadas ao Planalto, o cerne do Extra é, em sua maioria esmagadora, o Palácio da Guanabara: as figuras mais intensamente exploradas ao longo de suas capas foram Cabral, Garotinho e Pezão.

Em suma: em decorrência dos critérios de noticiabilidade distintos entre os jornais, é notoriamente clara a diferença de prioridade tida em cada um dos jornais pertencentes ao Infoglobo. Cada jornal constitui-se enquanto uma ferramenta que deve atender diretamente aos interesses do Grupo Globo, e é imprescindível que se busque a melhor forma de se falar a públicos-alvo distintos.

³³ Anexo 6, pág. 54

Sabendo de tal poder, o Grupo Globo pode se posicionar tanto abertamente a favor quanto contra em relação a diferentes tipos de governo – e assim o faz, deliberadamente, desde a era Collor. Não à toa, um dos diretores de maior expressividade da Rede Globo – o braço televisivo do grupo – confessou, em público, ter interferido de maneira deliberada em um debate entre Lula e Collor, realizado em 1989³⁴. Se este raciocínio pode ser aplicado nos produtos televisivos tranquilamente, não há razão aparente para que também não o seja feito nos impressos.

Os grandes conglomerados midiáticos brasileiros exercem um papel incontestavelmente relevante no debate, confecção e implementação de políticas públicas a nível nacional. E possuem total ciência não apenas disto, mas principalmente, do poder na moldagem da opinião pública que possuem. Não aleatoriamente, hoje a TV Globo representa a segunda maior emissora do mundo³⁵, com o maior poder de alcance dentre todas as demais emissoras brasileiras. Apesar disto, graças à era digital, suas ações não mais passam totalmente despercebidas como na era anterior à atuação de tais plataformas, e são constantemente fiscalizadas por veículos editorialmente oposicionistas, como “Carta Capital”, “Caros Amigos”, “Brasil 247” e similares.

Graças a esta “fiscalização”, a homogeneização do discurso realizado pelos veículos que compõem a grande imprensa brasileira, em tese, deveria ser passível de ser quebrado – mas a grande pergunta aqui reside em torno de qual seria a ruptura efetiva causada. Afetando diretamente uma base de leitores muito menor, altamente segmentada, enviesada, e muitas vezes munida de menos recursos, uma oposição editorial às Organizações Globo à mesma altura é, literalmente, impraticável.

Sabendo de tal poder narrativo, o Grupo Globo tem plena noção de que pode optar por patrocinar ou buscar minar o poder político de qualquer candidato, mediante capas – e particularmente, fotografias – explícitas ou implícitas. Aqui, especificamente, entra a expressão que há de pautar a análise a ser efetivada no próximo capítulo: de que maneira as imagens escolhidas para estamparem as capas de O Globo e Extra corroboram, ou não, sua política editorial?

Quando estas imagens foram favoráveis ao governo e quando foram abertamente

³⁴ FONTENELE, Alexandre. Boni confessa manipulação do debate Lula x Collor. **YouTube**, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VrpurEkmJkU>. Acesso em: 01 jun. 2018.

³⁵ LIMA, Paulo Henrique. Há 52 anos, estreava no Brasil a TV Globo, atualmente a segunda maior emissora do mundo. **Observatório da televisão**, São Paulo, 26 abr. 2017. Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/historia-da-tv/2017/04/ha-51-anos-estreava-no-brasil-a-tv-globo-atualmente-a-segunda-maior-emissora-do-mundo>. Acesso em: 01 jun. 2018.

agressivas ou contestadoras ante o *establishment* representado pela Secretaria de Imprensa da Presidência da República (SIP)? Teria a verba publicitária oficial sido o suficiente para manter as rédeas das narrativas governamentais sob controle? Não obstante, teria esta relação se estabelecido de maneira não-escusa, às claras e suficientemente transparente aos olhos da opinião pública?

Por mais que as manchetes ao longo destes dois anos de Michel não tenham sido ou sejam de maneira suficientemente explícita e aberta contra ou a favor de seu governo, é impossível não apontar como as fotografias estabeleceram uma relação de poder simbólico dentro das redações. A prevalência da imagem possui um poder fundamental no século XXI, em particular diante de governos – não fosse o caso, dificilmente a assessoria de imprensa de João Doria teria solicitado que o candidato “não fosse fotografado enquanto comia”³⁶ – e estes sabem disso.

Quantas fotografias presentes nas capas de O Globo e Extra necessariamente corroboraram a manchete exibida na página? Quantas a contestaram? Quantas foram abertamente favoráveis à lógica *governista* e quantas foram abertamente contrárias?

Estas são perguntas que o próximo capítulo se propõe a buscar responder, e que serão desenvolvidas, ainda que de maneira breve e razoavelmente sucinta, ao longo da catalogação, indexação e classificação das fotografias de capa envolvendo *o presidente em exercício*, ou que a ele concernam, ao longo de seus dois anos de mandato.

³⁶ AGOSTINI, Renata. Assessoria de Doria pede que ele não seja fotografado na campanha enquanto come. **Folha**, São Paulo, 20 ago. 2016. Disponível em: <http://painel.blogfolha.uol.com.br/2016/08/20/assessoria-de-doria-pede-que-ele-nao-seja-fotografado-na-campanha-enquanto-come/>. Acesso em: 01 jun. 2018.

6. ANÁLISES

Na confecção desta análise, optou-se por realizar um processo, simultaneamente, quantitativo e qualitativo. No primeiro passo, quantitativo, optou-se por, antes de tudo, restringir temporalmente o material a ser processado. Como já mencionado, escolheu-se delimitar tal período entre os dias 12 de maio de 2016 e 12 de maio de 2018. A partir disto, coletaram-se todas as capas veiculadas pelos jornais O Globo e Extra, disponibilizadas através de seus acervos *online* – para, então, selecionar aquelas que veiculassem, de maneira direta, fotografias relacionadas à figura de Michel Temer.

Aqui, foram selecionadas única e somente, de fato, capas que estampassem diretamente registros fotográficos. Quadrinhos, ilustrações à mão, cartuns e derivados foram desconsiderados, restando apenas fotografias que estampassem objetivamente a imagem de Michel Temer. Estabelecendo tal delimitação, chegou-se ao número de capas que aqui serão, enfim, passíveis de serem analisadas.

Dentre as 1.460 capas provenientes do *clipping* de ambos os jornais, chegou-se, enfim, a um número concreto de menções fotográficas diretas a Michel. Enquanto O Globo mencionou Temer em suas fotografias de capa 57 vezes, Extra, por sua vez, estampou o presidente em apenas 10 ocasiões – caracterizando um número de menções consideravelmente inferior, atingindo uma proporção quase seis vezes menor.

Uma vez definido o número de menções diretas à figura de Temer, procurou-se estabelecer um critério para buscar apontar como três fatores simultâneos agem em simbiose. Foram considerados, aqui, manchete, fotografia e legenda – esta podendo ser não necessariamente o texto que narra a imagem, mas eventualmente, algum *box* textual complementar.

No segundo passo, qualitativo, uma vez definidos os critérios que viriam a ser destrinchados, buscou-se pontuar como os três dispositivos mencionados acima seriam classificados. Definiu-se, então, que as manchetes, fotografias e legendas provenientes de cada jornal poderiam ser classificadas em quatro categorias: “favoráveis”, regozijando generosamente a imagem do retratado; “neutras”, imputando ao leitor a tarefa de exercer qualquer tipo de juízo de valor sobre aquele conteúdo (geralmente ao citar diretamente aspas, sem nenhum outro detalhe adicional); “desfavoráveis”, colocando o retratado em situação de vulnerabilidade ante a opinião pública; e “ambíguas”, utilizando, via de regra, um conteúdo que poderia ser classificado como “neutro”, mas que carrega consigo, de

maneira não explícita, um forte teor passível de ser tido enquanto ironia ou comicidade.

Tendo definido tais critérios, qualitativos e quantitativos, finalmente computaram-se as capas em um gráfico de colunas. Buscou-se agrupar os três tipos de conteúdo, nas categorias anteriormente mencionadas, de acordo com sua similaridade na classificação.

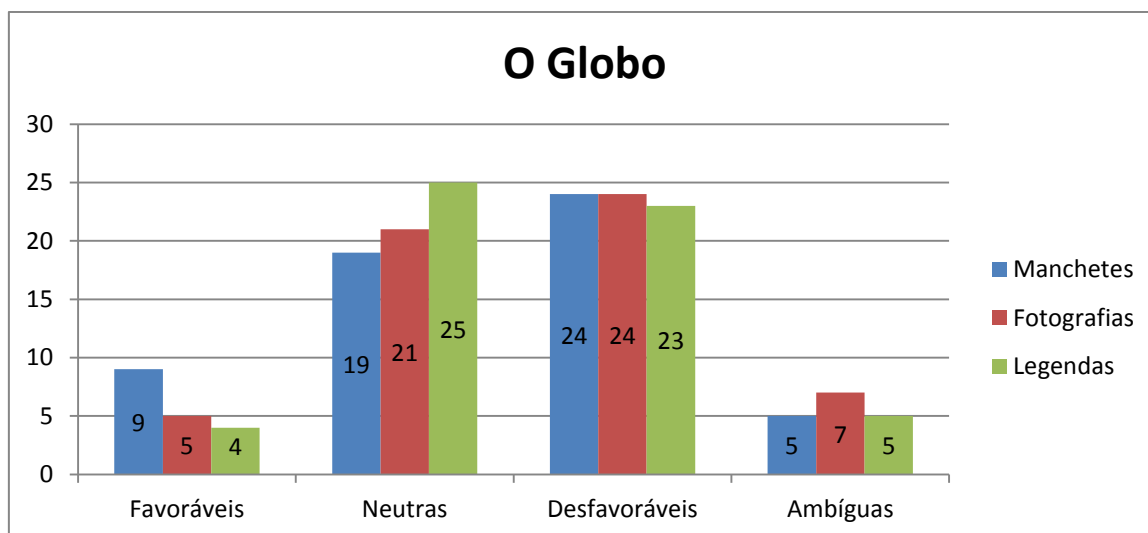


Gráfico 1. Classificação qualitativa do número de menções fotográficas a Michel Temer, registradas nas capas do jornal O Globo.

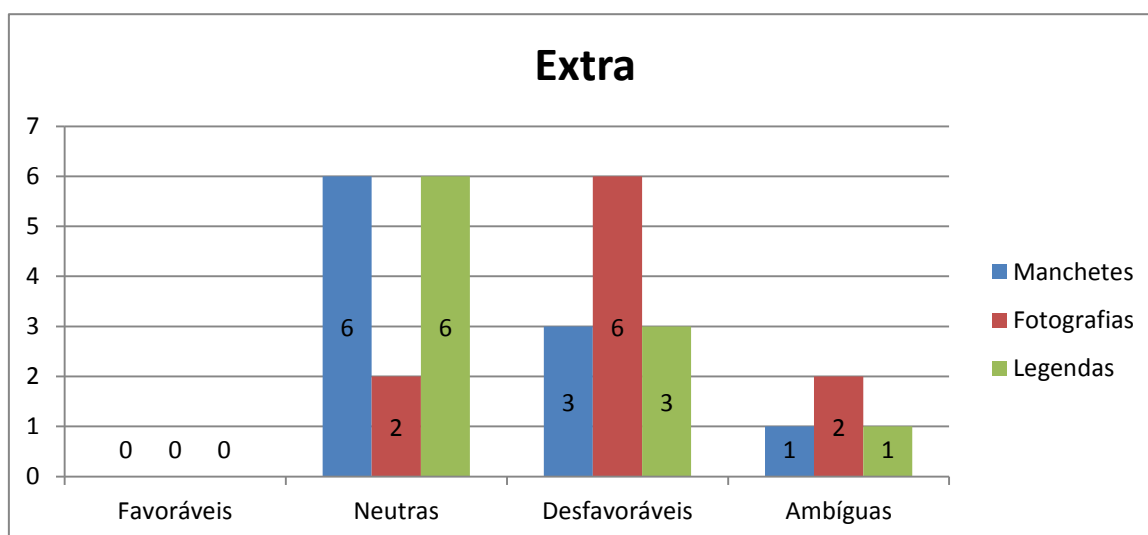


Gráfico 2. Classificação qualitativa do número de menções fotográficas a Michel Temer, registradas nas capas do jornal Extra.

Por fim, uma vez que os critérios para o desenvolvimento do gráfico tenham sido estabelecidos, pode-se prosseguir para a análise dos resultados provenientes de sua interpretação.

Uma das primeiras informações, explicitamente clara na comparação entre os diferentes gráficos, é a diferença no número de menções a Temer efetuadas por cada jornal. Não apenas o número total de menções é um fator relevante a ser levado em consideração – mas ainda mais, a completa ausência de qualquer menção abertamente favorável a Temer nas páginas do Extra, que se faz notável.

É igualmente importante apontar para o fato de que apesar de o Extra conter um número considerável de manchetes neutras, com baixo número de fotografias no mesmo tom, 60% de suas fotografias possuem tom abertamente desfavorável. Um resultado claramente diferente do expressado por O Globo, por exemplo, à medida que este não apenas publicou uma quantidade relevante de manchetes amplamente favoráveis (15%), como também possui um elevado número de fotografias neutras (36%).

Para além dos resultados estrita e tão somente dos gráficos aqui apresentados, é primordial apontar para a construção narrativa realizada por cada capa dos respectivos jornais comentados. Entretanto, por uma questão de limitações técnicas – onde analisar aprofundada e extensivamente, caso a caso, 67 capas jornalísticas diferentes se mostraria demasiadamente extenso para uma monografia –, optou-se por comentar especificamente apenas aquelas que exibem maior simbologia, além de fatores particulares que eventualmente se mostrem essenciais à leitura dos gráficos.

O estopim para a confecção deste trabalho, e provavelmente a capa mais dotada de simbologia dentre a esmagadora maioria daquelas publicadas por O Globo, é a datada de 5 de outubro de 2017³⁷. Em uma fotografia executada por Ueslei Marcelino, da Reuters, duas mãos brancas, anônimas, deixando a manga dos ternos à mostra, provavelmente masculinas, se apertam – sob a figura do presidente ao fundo, que em desfoque, esboça um sorriso. Na manchete que acompanha a imagem, lê-se “Temer acusa Janot de tentar golpe”. Na legenda da foto, em negrito, lê-se “No ataque”.

A quantidade de leituras passíveis de serem realizadas por única e tão somente este retrato é, literalmente, infinita. Pode-se inferir que ali estão dirigentes de alto escalão do MDB – já que não se sabe os reais detentores daquelas mãos. Pode-se inferir que esta foto simboliza e sintetiza, da maneira mais objetiva e concreta possível, o que seria a representação mais literal e visceral do “grande acordo nacional, com supremo, com tudo”, perpetrado por Jucá. Pode-se inferir que ela é uma síntese do convívio em Brasília, permeado por conluíus e acordos não exatamente dos mais republicanos. Pode-se inferir

³⁷ Anexo 7, pág. 55

que são apenas duas mãos inocentes, sem nenhum tipo de leitura adicional a um indivíduo não habituado a esta ordem de conteúdo. Enfim, a capacidade de pleitear uma miríade de discursos sem, no entanto, retratar nenhum deles de maneira explícita ou conceber um “alvo” para as críticas é enorme – característica ainda mais reforçada por conta do desfoque, provavelmente proposital, sob o rosto de Temer.

Tal característica é de uma ordem fundamental para grande parte das críticas que buscam ser realizadas em meio à fotografia política – onde uma considerável parcela de críticas bem-fundamentadas gira em torno de aspectos subjetivos, implícitos e dificilmente explícitos ou objetivos. Na maior parte das fotografias que possuem um discurso de opinião sucinto, a imagem deve buscar expressar todo seu potencial da maneira mais concisa possível, raramente buscando apoiar-se em legendas para tecer seu discurso. Tal ordem narrativa é nítida em exemplos como a “Napalm Girl” ou os registros de Evandro anteriormente mencionados. Como em tantos outros casos, cabe ao poder de síntese imagético falar por si só, e não a qualquer texto de apoio. É este tipo de discurso que permeia as fotos que consagram as críticas implícitas aqui pontuadas, e é este discurso que permite ao fotojornalismo exercer um modelo de linguagem difícil de ser encontrado, de maneira tão ampla, em outras áreas do próprio jornalismo.

Analisar tanto o material proveniente do Extra quanto de O Globo provê informações claras sobre as distinções de cada jornal. Enquanto o primeiro tende a ser sucintamente incisivo, o último não necessariamente manifesta, com tamanha veemência, suas possíveis críticas – e esta é uma característica que pode ser constatada não apenas no que tange a Temer, mas inclusive, em outras temáticas abordadas por ambos os jornais. Ao passo que o Extra busca pintar a realidade enquanto algo passível de ser *comicizado* para que se torne mais atraente, O Globo visa retratá-la sob uma ótica, em tese, imparcial e distanciada do objeto.

Em um primeiro momento, o fato de O Globo possuir um número de fotografias exatamente igual ao número de manchetes desfavoráveis, por exemplo, pode parecer não corroborar a tese de que haveria resistência por parte de fotojornalistas em retratar a figura de Michel. Entretanto, é importante analisar mais a fundo estatísticas que não puderam ser transpostas aqui de maneira tão objetiva quanto nos gráficos anteriores. Por exemplo, o fato do número de manchetes desfavoráveis a Temer ser igual ao número de fotos, a princípio, diria que O Globo se mantém alinhado em seu discurso texto-imagético.

Olhando mais a fundo seus critérios de publicação, contudo, é possível constatar

que em um primeiro momento – no início de seu mandato, entre maio de 2016 e junho de 2017 –, apesar de as manchetes serem desfavoráveis, usualmente as fotografias que as acompanhavam tendiam a serem neutras. Mais à frente, entre novembro de 2017 e maio de 2018, entretanto, é possível contemplar imagens que claramente lhe eram desfavoráveis – acompanhadas de manchetes neutras, invertendo a lógica narrativa.

As três últimas capas coletadas nesta amostragem, referentes a 21/02/2018, 11/04/2018 e 02/05/2018³⁸, por exemplo, apontam de maneira nítida como a imagem de Temer se encontrava desgastada neste período. Apesar de as manchetes serem neutras, sem nenhum tipo de viés explicitamente incisivo, é notável a maneira como cada imagem busca retratar Temer. Na primeira capa, um Michel de aspecto perceptivamente ansioso e receoso olha para o governador emedebista Pezão, em um retrato que mais aparenta pintar um silencioso pedido de socorro. Na segunda, perdido em meio à multidão, Temer aparenta ser apenas mais um dentre tantos homens-fortes do MDB cujo *habitat* é Brasília. Já na terceira, claramente acuado, Temer busca se refugiar e se abrigar do iminente perigo representado pela manifestação popular à sua volta.

Assim, no caso específico de O Globo, cabe a questão: ao final de seu mandato, o que teria motivado um discurso textual por parte do jornal que não fosse abertamente contra a figura do presidente, mas ao mesmo tempo, imbuísse um conteúdo aparentemente crítico em suas imagens? Apesar de nos casos mencionados no parágrafo anterior as legendas se colocarem de maneira abertamente desfavorável, o mesmo não pôde ser dito de suas manchetes, que soavam relativamente neutras. Em nenhuma das manchetes havia um conteúdo tão incisivo quanto nas fotos ou nas legendas. Por qual motivo?

Apesar de apresentar imagens que carreguem consigo significados para além do óbvio, usualmente as diagramações de O Globo, em todas as capas visualizadas, apresentaram-se padronizadas e homogêneas. Raras foram as vezes em que algum recurso de diagramação atípico foi utilizado – diferentemente das capas estampadas pelo Extra.

Nas dez capas em que estampou uma fotografia de Temer, Extra buscou fazê-lo de uma maneira que lhe permitisse pleitear adequadamente a atenção de seu público-alvo, geralmente adotando elementos de identificação ou humorísticos. Em sua primeira capa com a temática deste trabalho, em 12 de maio de 2016, o Extra estampou, em página cheia, um “grupo de WhatsApp”³⁹ – recurso amplamente utilizado pela população brasileira e de

³⁸ Anexos 8, 9 e 10, págs. 56, 57 e 58

³⁹ Anexo 11, pág. 59

forte importância social em classes mais populares –, no qual simulava uma conversa entre o grupo que compunha a “patota de Brasília”. No fictício grupo, Michel Temer dava “bom dia” acompanhado de *emojis* sorridentes, enquanto estampava uma fotografia sua acompanhada dos dizeres “é hoje”. Tal capa, munida de fotografia e texto-base fortemente ambíguos – à medida que incidiam elevado fator cômico sob a imagem de Temer –, provavelmente caracterizou uma das sínteses mais eloquentes a respeito do fato noticiado. De certa forma, ela sintetiza não apenas a ótica que o Extra adota para assuntos abordados de maneira sóbria ou seriamente por O Globo – mas principalmente, os contrastes entre os diferentes veículos que pertencem à mesma editora.

Semelhante lógica de produção – munida de componentes humorísticos, tais como trocadilhos e aspas ironicamente utilizadas – pautou as demais composições do Extra envolvendo Michel. “Sujou a Jato”, “Temer Treme”, “Câmara decreta: tem que manter esse aí” (em referência a um diálogo onde Temer supostamente assente com a manutenção de propina) e “Nunca antes na história deste país” (se referindo de maneira clara ao bordão cunhado por Lula) são exemplos das manchetes que acompanharam seus dois anos ao longo do jornal, explicitando como o fator cômico era imprescindível para que a temática fosse adequada e corretamente trazida à sua fatia de mercado. Poucas estratégias, afinal, demonstram-se tão eficazes na atração de atenção para um político quanto satirizá-lo.

O discurso estabelecido pelo Extra ao longo de suas breves pontuações acerca de Temer evidencia a prioridade discursiva do jornal, como já esperado. Como é possível vislumbrar na capa de 10 de novembro de 2016⁴⁰ – ostentando os dizeres “Chupa essa, mundo”, abaixo das fotos de Lula, Dilma e Temer –, sua pedra fundamental não é comentar política sob um prisma complexo, muito menos o fazendo de maneira sóbria ou rebuscada.

Outro aspecto interessante a se notar nas abordagens do Extra – ainda que isso não seja exclusivamente destinado às vezes em que comentou sobre Michel, mas sim algo inerente ao próprio processo de produção do jornal – é a diagramação que visa chamar a atenção do leitor com fontes, dimensionamentos e cores que tendem a saltar aos olhos. Ainda comentando o “Grupo do WhatsApp”, ou até mesmo a capa do “Chupa essa, mundo”, é notável a presença de tinta a traço em tons vibrantes, ao longo de uma extensa mancha gráfica – recurso que dificilmente seria aceitado no fechamento de um exemplar de O Globo, por exemplo.

⁴⁰ Anexo 12, p. 60

Já o discurso estabelecido por O Globo mostra que, por uma parcela de tempo, soou atrativo ao jornal apoiar editorialmente Temer em diferentes plataformas. Com a sucessiva série de avarias sofridas pelo governo, entretanto, paulatinamente tal apoio se esvaeceu, dentre outras editorias, de uma fundamental: a fotográfica. Em virtude disto, literalmente, a imagem do governo passou a ser alvo de escrutínio editorial por agências fotográficas e, progressivamente, suas fotos tenderam a não mais necessariamente acompanharem o ritmo das manchetes. Aquilo que no começo do mandato era tido como atípico e não-habitual, pouco a pouco, caminhou para se tornar um padrão.

De qualquer sorte, a quantidade de leituras passível de ser realizada em torno de tal questão é extensa e dificilmente tende a se concluir de maneira tão breve em uma simples e breve exposição de um único ponto de vista. Outrossim, é essencial frisar que não importa o quão “distanciado” ou “neutro” um emissor se autoproclame, tal qual O Globo realiza ao longo de suas matérias – a neutralidade é virtualmente impossível. Qualquer tipo de produção midiática, nitidamente, possui um viés e um determinado condicionamento, onde inevitavelmente são levadas em contas as influências do produtor, seus ideários políticos e, principalmente, para quem o emissor enuncia e qual o porquê desta enunciação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pontuar, de maneira objetiva e precisa as particularidades que giram em torno de um material com tamanho volume é, sem dúvida, um desafio. Como já mencionado, o principal cerne aqui não é analisar meticulosamente todas as manchetes, fotografias e legendas coletadas, mas sim apresentar um breve panorama sobre a ação do fotojornalismo brasileiro neste período, de forma a estimular posteriores debates sobre as questões expostas.

Apesar do objeto aqui apresentado constituir um rico universo discursivo a ser explorado, inevitavelmente acaba por apresentar limitações. Uma das mais perceptíveis, provavelmente, foi a ausência de determinadas fotografias-chave na narrativa fotográfica travada por fotojornalistas brasileiros contra Temer, em virtude destas não terem sido estampadas diretamente na capa – mas em eventuais matérias *online* ou no miolo dos jornais abordados.



Figura 3. Temer em meio ao Brasil “ruindo”, provavelmente, em registro que cortou o prefixo de um verbo no gerúndio (Paulo Whitaker/Reuters); em seguida, tentando “equilibrar” o país (Dida Sampaio/Estadão).

Fotografias desta ordem apresentam um potencial cômico ou irônico substancial, e exatamente em decorrência de tal fato, nem sempre são as primeiras a serem buscadas em arquivos – pois sua utilização tende a ser altamente específica, dado o grau explícito de enviesamento.

Ainda a respeito das limitações inerentes à proposta original do trabalho, é fundamental apontar para a série de relatos e questões que aqui deixaram de entrar, dado o limite de recorte temporal, e que ainda sim configuram episódios notáveis na incursão de Michel Temer ao poder. Dentre eles, figuram a paralização dos caminhoneiros, episódio responsável por extenso desgaste, a falência de sua “base de diálogo” em meio ao

Congresso, a Polícia Federal apontando o presidente como responsável pela compra de silêncio de Cunha e obstrução de Justiça⁴¹, etc.

Através de sua Secretaria de Imprensa, o governo de Temer pagou por numerosos anúncios impressos e *online*, *impulsionamentos* de conteúdo digital e matérias – dentre elas, produções *sui generis* como as pautadas pelo *slogan* “Avançamos”. Entretanto, pouco, senão nenhum retorno, efetivamente foi gerado com tal iniciativa – expondo, tão somente, a fragilidade midiática de um governo que dificilmente consegue reverberar qualquer aspecto seu de maneira positiva.

Não se pode comprovar, de maneira completamente absoluta e inquestionável, que o comportamento que presumidamente seria assumido pelos jornais foi, de fato, apresentado. Existem inúmeras variáveis e fatores inerentes à lógica de produção de um jornal, para além de seus compromissos com anunciantes, editoriais e até mesmo políticos – onde nem todos estes aspectos são informações de conhecimento público. Apesar de O Globo ter agraciado Temer em praticamente todos os *fronts* possíveis durante o início de seu mandato, não necessariamente tal postura se manteve ao longo do tempo em todas as suas editorias, por uma série de motivos. Extra, como já presumido, raramente realizou qualquer tipo de cobertura fotográfica neutra a Michel – onde a maioria esmagadora foi desfavorável ou ambígua.

Apesar de Temer não caracterizar um censor *stricto sensu* tal qual aquele representado pelo regime militar, é peculiar observar a série de estratégias buscadas para que seus retratos pudessem ser feitos, eventualmente, das formas mais criativas possíveis. Isso, obviamente, não lhe é uma exclusividade; afinal, outros chefes do Planalto já tiveram registros curiosos confeccionados, tal qual o icônico registro de Dilma “atravessada” por uma espada militar⁴². Todavia, é importante apontar para o fato de que a editoria responsável por pautar suas fotografias, ao longo dos dois anos aqui analisados, geralmente tendeu a pender para a ruína, conforme seu gabinete afundou. Se historicamente, a narrativa que a imprensa brasileira buscou tecer em torno da figura de Lula foi a de um sujeito desequilibrado e descomedido, pode-se também pontuar que, paulatinamente, Temer passou a ser pintado enquanto enfraquecido e debilitado.

⁴¹ VASSALLO et al. PF atribui a Temer obstrução de Justiça. **Estadão**, São Paulo, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/pf-atribui-a-temer-obstrucao-de-justica/>. Acesso em: 14 jun. 2018.

⁴² G1, EFE. Foto de Dilma ‘transpassada’ por espada vence prêmio internacional. **G1**, Rio de Janeiro, 13 jan. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/foto-de-dilma-transpassada-por-espada-vence-premio-internacional.html>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Outrossim, é lamentável observar veículos os quais, em tese, tendem a ganhar com a divulgação de suas informações – já que tal fato implica na exata disseminação de sua visão de mundo, e nenhuma mais –, buscam impedir tal acesso. Um dos principais desafios na elaboração da etapa quantitativa consistiu justamente em acessar o acervo dos jornais – onde o Infoglobo condiciona o acesso *online* a este acervo única e exclusivamente a uma assinatura paga. Louvavelmente, o único jornal a disponibilizar seu acervo de maneira completamente gratuita, dentre todos os pesquisados para confecção deste trabalho (O Globo, Extra, Estadão e Folha), foi a Folha de São Paulo.

Como é da natureza de qualquer monografia, este trabalho encontra-se aberto para que outras pesquisas possam dar continuidade à temática. Apesar de ter nascido do *clipping* de apenas dois jornais, em um recorte temporal pré-estabelecido, acredito que vislumbrar temáticas de ordem similar em outros trabalhos seria enriquecedor tanto do ponto de vista jornalístico quanto acadêmico. Não apenas no Brasil, mas em qualquer outro país, existe um enorme potencial inerente ao fotojornalismo o qual, infelizmente, não é tão valorizado quanto poderia ser.

Por fim, para fins de esclarecimento acerca de quais foram as classificações atribuídas às capas aqui trabalhadas, constarão no Anexo 12 as listas com suas respectivas classificações, bem como suas respectivas datas de publicação.

8. REFERÊNCIAS

- ACHARD et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes. 1999.
- ALMASY, Paul et al. L'histoire du photojournalisme. In: **Le photojournalisme**. Paris, CFPJ, 1990, p. 32-74.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- CARRINGTON, James. American Illustration and the Reproductive Arts. In: **Scribner's Magazine**, vol. 72, n. 1, 1922, p. 124. New York: Scribner's.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação**, 20ª. ed. São Paulo: Publifolha, 2015.
- FONTCUBERTA, Joan. **O beijo de Judas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- FREUND, Gisèle. **Photography and society**. Boston, Massachusetts: David R. Godine Publishers, 1980.
- GARCIA et al. A fotografia como representação do real e as imagens manipuladas na publicidade. **Revista Eletrônica Temática**, v. 9, n. 9, 2013.
- HARRIS, Christopher. The halftone and American Magazine Reproduction 1880-1900. In: **History of Photography**, vol. 17, n. 1, 1993, p 77. Taylor & Francis.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 1999.
- MARIGNIER, Jean-Louis. **Niépce: L'Invention de la photographie**. Paris: Belin, 1999.
- MINA, Bianca Almeida. **O Rio sob a mira das lentes: a cobertura fotográfica da ocupação do Complexo do Alemão e Vila Cruzeiro pelos jornais O Globo e Extra**. 2011. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MORAIS, Fernando. **Chatô: O Rei do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- MUAZE, Mariana. O Império do retrato: fotografia e poder na sociedade oitocentista. **Projeto História**, v. 1, n. 34, p. 169-188, jun. 2007. São Paulo: PUC-SP.
- OLIVEIRA, Larissa. Fotografia Mediadora: A Imagem Reveladora de um *Mundo Invisível*. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016. **Anais INTERCOM**: Universidade Federal de Pernambuco, 2016, p. 1-11. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2105-1.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.

ORLANDI, Eni. Discurso e Argumentação: Um observatório do político. In: **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n. 1, p. 80-81, jul-dez. 1998.

ORLANDI, Eni. **As Formas do silêncio**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WEBER, Max. A Política como vocação. In: _____. **Ensaios de sociologia**. p. 98. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

9. ANEXOS

Anexo 1.



QUINTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2016 AVALIADO - 14:30:203 Erinea Marinho (1876-1925) (1904-2003) Roberto Marinho 110 DE JANEIRO oglobo.com.br

TROCA DE COMANDO

DILMA AFASTADA TEMER ASSUME COM REFORMAS

Primeiros atos serão para enxugar a estrutura do Estado

Dilma Rousseff foi afastada da Presidência da República na manhã de hoje. A aprovação da admissibilidade do processo de impeachment pelo Senado interrompeu ciclo de 13 anos de poder do PT, partido que detea o Planalto de mãos dadas com os fracassos de Dilma. Reeleita, não conseguiu mais camuflar a condução errática da economia e as consequências de seus erros, o que agravou a perda de poder político e levou milhões às ruas con-

tra o maior escândalo de corrupção do país. O destino de Dilma foi selado às 03:34m de hoje por 35 votos sim (mais de dois terços do total de senadores) e 22 não. Ela está afastada do cargo por até 180 dias, período de seu julgamento pelos senadores, e será notificada ainda hoje da decisão do Senado. O vice Michel Temer (PMDB-SP) assumirá em seguida, com 19 dos 22 ministros escolhidos. E tomará posse imediatamente do gabinete presiden-

cial no Planalto. Agora não mais como coadjuvante na conturbada relação com Dilma, começará reduzindo a estrutura do Estado, com extinção e fusão de ministérios, e editará MPs para dar foro privilegiado ao presidente do Banco Central e ao chefe da Advocacia Geral da União (AGU). Também prometerá rigor fiscal e se comprometerá a enviar ao Congresso propostas para reformar a Previdência e o sistema tributário. **PÁGINA 2 e 42**

EDITORIAL

'Novo marco de defesa da responsabilidade fiscal'

PÁGINA 22



Plenário do Senado, quinta-feira, 12 de maio, às 09:24m. Senadores de oposição comemoram a aprovação da admissibilidade do processo de impeachment da presidente Dilma sessas horas depois da votação no STF

Brasil ainda precisa de legislação que organize o sistema partidário

MIRIAM FERREIRA, PÁGINA 33

Novo governo precisa provar capacidade de enfrentar a crise

MIRIAM LETTÃO, PÁGINA 34

O retrato de um político formal, atento e forjado por desilusões

JORGE BASTOS MORENO, PÁGINA 24

Sempre à sombra do PMDB, PT encerra acuada sua era no poder

LUIZ ANTONIO NOVAES, PÁGINA 16

Batalha do impeachment traça cenário para a disputa de 2018

PAULO CELSO PEREIRA, PÁGINA 26

ANCELMO GOIS
Nova chance à esquerda.
PÁGINA 30

LAURO JARDIM
A política volta ao Planalto.
PÁGINA 28

NELSON MOTTA
A última perda de Dilma.
PÁGINA 31

JOSÉ PADILHA
O juiz Moro e o código samurai.
PÁGINA 29

FREI BETTO
O legado e o futuro do PT.
PÁGINA 17

ZUEHR VENTURA
O melancólico fim da utopia.
PÁGINA 17

ARTUR XEXEO
Temer é o que tem para hoje.
PÁGINA 30

ILMAR FRANCO
A missão da "salvação".
PÁGINA 31

SÉRGIO FADUL
Time de Temer mira Congresso.
PÁGINA 31

CORA BIGNAI
Dilma, criatura de si mesma.
PÁGINA 29

DEMÉTRIO MADRUGA
Rastam os gritos de guerra.
PÁGINA 33

MARCO ANTONIO VILLA
A construção de auto-organização.
PÁGINA 20

ALAN GRIFF
A construção do 11 de maio.
PÁGINA 31

ANA CRISTINA RIES
Com a ajuda de Eça de Queiroz.
PÁGINA 28

ARNALDO BLOCH
Segue o velho conchavo.
PÁGINA 30

VERISSIMO DORIA
Corrupção põe fim a certezas.
PÁGINA 33

PEDRO DORIA
Uma receita de 228 anos.
PÁGINA 29

CARLOS ALBERTO SARDENBERG
Corte de gastos e prioridade.
PÁGINA 22

FLÁVIA OLIVEIRA
A fronteira do ridículo.
SÉRGIO CASCARDO

MÁRVIO DOS ANJOS
Dilma é o nome da ruptura.
PÁGINA 31

PAULO CEZAR CAJU
Participar mais é a saída.
PÁGINA 29

CRÔNICA

E na rampa da caricatura...



— Em frente, que atrás vem gente!

Preço deste exemplar no Espaço de Rio de Janeiro: R\$ 4,00 - Circula com esta edição Segundo Caderno e revista Das Viagens

Anexo 2.



SEXTA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 2016 ANO XLII - Nº 30.220

Irisneu Marinho (1876-1925) — (2004-2003) Roberto Marinho

RUE DE JANEIRO oglobo.com.br

TROCA DE COMANDO

Temer promete 'governo de salvação' e Estado menor

No primeiro discurso, presidente interino diz que protegerá a Lava-Jato

Peemedebista deu posse à sua equipe de 23 ministros, com perfil essencialmente político, e apostou em boa relação com o Congresso Nacional para aprovar reformas como a da Previdência, mas sem mexer em direitos adquiridos

No primeiro discurso após tomar posse com o afastamento da presidente Dilma, o presidente interino, Michel Temer, afirmou ser urgente fazer um "governo de salvação" e anunciou que recorrerá à iniciativa privada para "estancar o processo de queda livre da economia". Após dar posse aos 23 ministros de sua equipe, Temer defendeu o que chamou de "democracia da eficiência", com menor participação do Estado na economia. "O Estado não pode tudo fazer", disse ele, que prometeu, porém, manter programas sociais. Cercado de parlamentares, num tom muito diferente do de Dilma, o presidente interino fez alusão ao Congresso e disse que protegerá a Lava-Jato contra qualquer tentativa de enterrar-lá. Antes da cerimônia, foram confirmados os dois nomes que faltavam: Helder Barbalho (Integração Nacional) e Fernando Coelho Filho (Minas e Energia). A equipe, com perfil majoritariamente político, tem representantes de 11 partidos. Temer aposta na ampla coalizão para aprovar reformas como a tributária e da Previdência. Ele disse, no entanto, que manterá direitos adquiridos. **PÁGINAS 3 a 25**



Entrada no Planalto. Ao lado de todos, em tom festivo, Temer faz primeiro discurso, em que destacou a necessidade de união para aprovar reformas e retomar confiança. **17h29M DE ONTEM**

EDITORIAL
'Otimismo com o novo tom do Planalto'
PÁGINA 11

Ao deixar o Planalto, Dilma admite possíveis erros, mas não crimes

No discurso que marcou seu afastamento do governo, a presidente afastada, Dilma Rousseff, disse que pode ter cometido erros, mas não crimes, e que, por isso, está sendo julgada "injustamente". Ao lado do ex-presidente Lula, que demonstrava abatimento, ela deixou o Planalto pela lateral e repetiu a manifestação que a gestão do presidente interino, Michel Temer, pôs conquistas sociais em risco. Após encontro com o presidente do STF, Ricardo Lewandowski, que presidirá o julgamento do impeachment no Senado, o presidente da Casa, Roman Cabral, decidiu cancelar o recesso de julho do Congresso para acelerar o julgamento. **PÁGINAS 20 a 24**



Saída do Planalto. Dilma, cercada por ex-ministros, servidores e parlamentares, em clima de tristeza, resalta disposição para lutar e reaver o mandato após o julgamento. **17h20M DE ONTEM**

Falta de mulheres no novo Ministério é alvo de críticas

PÁGINA 14



ENTREVISTA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO 'Se governo não funcionar, PSDB cai fora', diz tucano

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso disse a Silvia Assarim e Tasso Dantas que Temer "tem de fazer um milagre" e que o PSDB deixará o governo se ele não atender às expectativas. "Não é para entrar e ficar", diz ele. **PÁGINA 16**

MERVAL PEREIRA
A primeira preocupação de Temer é com os votos. **PÁGINA 4**

ANCELMO GOIS
Políticos de sempre no novo governo. **PÁGINA 28**

JOSÉ CASADO
A política retorna ao centro do poder. **PÁGINA 12**

JOSÉ PAULO KUPFER
Equipe econômica vira vitrigo. **PÁGINA 19**

MIRIAM LEITÃO
Novo governo terá que lidar com várias emergências. **PÁGINA 22**

NELSON MONTA
É patético culpar machismo. **PÁGINA 18**

ILMAR FRANCO
O dilema de Dilma de ir e vir. **PÁGINA 2**

PAULO NOGUEIRA
País fica fragilizado no mundo. **PÁGINA 19**

Estatais terão de passar por pente-fino para melhorar gestão

O presidente interino, Michel Temer, determinou à nova equipe econômica que faça um pente-fino nas estatais para melhorar sua eficiência. Os comandos do Banco do Brasil e da Petrobras não devem ser trocados imediatamente. Analistas acreditam que a petrolífera e outras estatais poderão precisar de um aporte do Tesouro. **PÁGINA 31**

Presidente elegerá no Estado do Rio de Janeiro **R\$ 4,00** - Círculo com esta edição: Segundo Caderno

Anexo 3.



DILMA ESTÁ FORA



Temer posse e viagem. Michel Temer é empossado no Congresso, ao lado de Renan Calheiros (à direita) e Ricardo Lewandowski, além de Rodrigo Maia (à esquerda), que assumiu o Planalto porque o presidente voou para a China

E AGORA, TEMER?

Presidente terá 2 anos e 4 meses para cumprir compromissos:

- Aprovar o ajuste fiscal e as reformas da Previdência e trabalhista
- Reduzir o desemprego, atrair investimentos e destravar concessões
- Enfrentar no Congresso e nas ruas a oposição anunciada por Dilma
- Cumprir a promessa de não interferir no caso Eduardo Cunha
- Apoiar a Lava-Jato e rechaçar ações que atrapalhem investigações
- Administrar a divisão no PMDB e pacificar relação com PSDB e DEM

Nam dia em que o país chegou a ter três presidentes, o Senado aprovou ontem o impeachment de Dilma Rousseff por 61 votos a 20, podendo em 13 anos do PT no poder. Numa articulação que teve o apoio do presidente do Senado, Renan Calheiros, e provocou protestos duros de PSDB e DEM, porém, os senadores mantiveram os direitos políticos de Dilma, decisão que poderá ser contestada no STF. Temer foi empossado logo em seguida. Antes de viajar para a reunião do G-20 na

China, prometeu modernizar a legislação trabalhista, reformar a Previdência e ampliar programas sociais. Antes, disse que não aceitará mais "desafios" e, a quem o chamou de golpista, respondeu que "golpista é você". Foi uma resposta a Dilma, que voltou a se dizer vítima de um golpe e afirmou que fará oposição intransigente ao governo de seu ex-vice, a quem chamou de corrupto. Em São Paulo, manifestantes contra Temer declararam banhos e até um carro de polícia. **PÁGINAS 3 a 20**

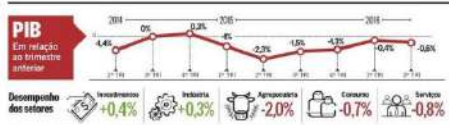


Voa para Porto Alegre. Dilma anuncia que fará oposição feroz a Temer

EDITORIAL
'Para que não haja outro impeachment'
A partir de agora, governante que quiser pegar atalhos para contornar a Constituição, por motivos argumentários ou políticos, sabe o risco que corre. **PÁGINA 16**



- MERVAL PEREIRA**
Gambiarra constitucional beneficia outros políticos.
- NELSON MOTTA**
Um espetáculo dramático e farsesco.
- JOSÉ PADILHA**
Risco: saber se TSE, MP e STF vão balizar a cabeça.
- ALAN GRIPP**
Escócia de Lula pôs em cheque sua habilidade.
- MÍRIAM LESTÃO**
Uma chance para recuperar a economia.
- BENÉDITO MAGNOLI**
O acordo de conciliação já soou.
- CORA RÔNIA**
Melancolia do que podia ter sido, mas não foi.
- FLÁVIA BARBOSA**
A batalha se dará num terreno minado.
- ANCELMO GOIS**
Tomara que o governo se reencontre com as ruas.
- SARDENBERG**
Futuro de Temer é ser Samey ou Itamar.
- ARNALDO BLOCH**
Qual a nova narrativa a ser alvejada?
- PAULO CELSO PEREIRA**
Temer, ao governar, perde seu melhor aliado.
- LAURO JARDIM**
Temer terá de contrariar a própria natureza.
- FERNANDO GABEIRA**
No lugar da crítica, uma visão monolítica.
- ANA CRISTINA REIS**
E tão deprimente que só o humor salva.
- EDUARDO EUGÊNIO**
Hora de confirmar, sem recuos, as expectativas.
- MORENO**
Lula não esperava, mas Dilma quis continuar.
- JOSÉ CASADO**
Aceito PMDB-PT abre caminho para o artista.
- ARTHUR DAPIEVE**
Collor e Dilma, produtos da mesma ilusão.
- CID BENJAMIN**
O fim do ciclo da Constituição de 88.
- RICARDO NOBLAT**
A árvore continua de pé, mas menos frondosa.
- ILMAR FRANCO**
Missão de Temer, agora, é falar para a maioria.
- DANIEL AARÃO REIS**
Impeachment é cínico que deve ser extirpado.
- JAIRO NICOLAU**
Sucesso de Temer será maldição para PSDB.
- VERISSIMO**
A árvore continua de pé, mas menos frondosa.
- FREI BETTO**
Impetuosidade de Dilma dificultou desempenho.
- SÉRGIO FADUL**
Dilma negou realidade que Temer vai enfrentar.
- BRUNO WANDERLEY**
PT viveu como protagonista político.



PIB cai pela 6ª vez, mas dá sinais de retomada

PÁGINAS 26 a 30

Anexo 4.



TERÇA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2017 ANO LXXI - Nº 30640 Irisneu Marinho (1876-1925) — (2004-2005) Roberto Marinho RUI DE ASSIS oglobo.com.br

A REPÚBLICA INVESTIGADA

TEMER É DENUNCIADO

‘Não há dúvida da corrupção’

Janot apresenta ao STF primeira denúncia contra o presidente

‘Nada nos destruirá’, disse o peemedebista em solenidade

Com base na delação premiada dos denunciantes da JBS, revelada pelo GLOBO, o procurador-geral, Rodrigo Janot, denunciou o presidente Temer e seu ex-assessor Ríchard Loures ao STF pelo crime de corrupção passiva. É a primeira vez na história do país que um presidente é denunciado durante o mandato. Para Janot, a multa com R\$ 500 mil entregue a Loures por diretor da JBS era para Temer, não detendo dúvida da prática de corrupção. Agora, o relator no STF, ministro Edson Fachin, decidirá se ouve a defesa de Temer ou se envia logo o caso à Câmara, que precisa autorizar ou rejeitar a instauração da ação penal. Relatório da PF sobre o crime de obstrução de justiça diz que Temer “incorreu” pagamentos ilícitos a Eduardo Cunha. **PÁGINAS 2 a 6**



LUIZ CARNEIRO/REUTERS

Corrupção passiva. Temer no Planalto após receber credenciais de diplomatas estrangeiros e antes de se reunir com advogados e ministros para analisar a denúncia

MIRIAM LEITÃO
Denúncia deixa o governo mais perto do fim. **PÁGINA 10**

MERVAL PEREIRA
Para Janot, Temer não honrou o cargo que ocupa. **PÁGINA 4**

ANCELMO GOIS
Pelo “Fora, Temer”, artistas criam “Xô, Vampírio!”, **PÁGINA 10**

JOSÉ CASADO
País vê fracasso de políticos eleitos após a ditadura. **PÁGINA 11**

LYDIA MEDEIROS
Temer pagará o preço da própria salvação. **PÁGINA 2**

Governo recua de reter FGTS
PÁGINA 7



— Ah! aqui, tudo bem...

Homem forte dos governos Lula e Dilma, Palocci é condenado

Mesmo em ofensiva para tentar acordo de delação premiada, o ex-ministro Antonio Palocci foi condenado ontem pelo juiz Sérgio Moro a 12 anos e dois meses de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No processo, Palocci é acusado de repassar US\$ 10,2 milhões da Odebrecht a João Santana e Mônica Moura, marqueteiros de campanhas dos ex-presidentes Lula e Dilma. Na sentença, Moro afirma que as declarações do ex-ministro de que teria muito a contribuir com a Lava-Jato soaram como “ameaça” para que outros o auxiliassem a sair da prisão. O ex-ministro está proibido de exercer cargo ou função pública por 24 anos. **PÁGINA 7**

Bens de Cabral vão a leilão

A Justiça autorizou o leilão da casa de Mangaratiba do ex-governador Sérgio Cabral, avaliada em R\$ 8 milhões, de uma lanche e de três carros. **PÁGINA 6**

Controle de gastos

Meirelles não abre mão de teto no Rio

O governador Pezão espera o aval da União para mandar novo projeto de limite de gastos dos poderes para votação na Assembleia Legislativa. O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, disse que não abre mão do teto para o socorro financeiro ao estado. **PÁGINA 10**



Para mais informações, consulte nossos gerentes ou ligue para 0800 100 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

A presente publicação contém informações de caráter informativo e não constitui oferta de produtos ou serviços. O conteúdo não constitui recomendação de compra ou venda de qualquer produto ou serviço. A divulgação de informações não constitui recomendação de compra ou venda de qualquer produto ou serviço. A divulgação de informações não constitui recomendação de compra ou venda de qualquer produto ou serviço.

ESPORTES

Brasileiro Botafogo perde para o Lanterna

Mesmo jogando no Engenheiro, o time foi derrotado pelo Avai por 2 a 0 e perdeu a chance de entrar no G4. **PÁGINA 26**

SEGUNDO CADEIÑO CONTRA O GLAMOUR DA MISÉRIA

Grupo colombiano que denunciou a exploração da pobreza no cinema ganha mostra no Rio.

Preço desta exemplar no Estado do Rio de Janeiro • R\$ 5,00

Anexo 5.

O GLOBO

SÁBADO, 17 DE FEVEREIRO DE 2018 - ANO XLIX - Nº 30.875

Irisneu Marinho (1876-1925) — (2004-2003) Roberto Marinho

R\$ 0,99 (R\$ 1,00) oglobo.com.br



Medida dura. O governador Pezão, o presidente Temer, os ministros do GS, Sérgio Echeverry, da Fazenda, Henrique Meulles, da Justiça, Torquato Jardim, e o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, na conferência em Brasília.

CRISE NA SEGURANÇA

Intervenção no Rio terá militares em ruas, favelas e presídios

Inédita, medida prevista na Constituição ainda requer planejamento de ações

Presidente Temer anuncia que comando da segurança pública no estado passa às mãos do Comando Militar do Leste. Decisão foi motivada pela escalada da violência e pela falta de controle de Pezão

O controle da segurança pública no Rio passou ontem às mãos do Comando Militar do Leste (CML), depois que o presidente Michel Temer assinou o decreto de intervenção federal. Além da escalada da violência, pressem na decisão de tomar a medida, prevista na Constituição em situações graves e que está sendo aplicada pela primeira vez, a declaração do governador Pezão de que havia perdido o controle da segurança e a ausência do prefeito Marcelo Crivella, que viajou ao exterior no carnaval. O interventor é o general Walter Braga Netto, comandante do CML. "O crime organizado quase tomou conta do Rio. É uma meretriz que se espalha pelo país", disse Temer. Os militares vão atuar no asfalto e nas favelas, farão bloqueio de vias e varreduras em presídios e só podem efetuar prisões sem flagrante ou com mandado judicial. Segundo o ministro da Defesa, Raul Jungmann, todo o efetivo do CML, de 30 mil militares, estará à disposição do interventor. O chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência, general Sérgio Echeverry, afirmou que não há ameaça à democracia. Braga Netto poderá nomear comandantes de batalhões, mas não há ainda um plano de ações. O Congresso terá que aprovar a medida.

PÁGINAS 8 e 17

EDITORIAL

'Decisão inevitável para restaurar o estado de direito' PÁGINA 20

Reforma fica mais difícil na Previdência

A intervenção no Rio tornou quase inviável a aprovação da reforma da Previdência. O governo diz que suspenderá o decreto para votar a reforma, mas o calendário apertado e dúvidas jurídicas dificultam sua tramitação. PÁGINAS 22 e 24

MIRIAM LEITÃO

O poder no Rio se desfaz em todas as áreas. PÁGINA 24

MERYLL PEREIRA

Sucesso no Haiti pode se repetir no Rio. PÁGINA 14

ANCELMO GOIS

Chefes do crime ganham medalhas na prisão. PÁGINA 16

ASCÂNIO SELEME

Governo federal tem mais recursos. PÁGINA 13

BERNARDO MELLO FRANCO

Michel Temer busca sobrevivência política. PÁGINA 13

CARLA ROCHA

Tiro de canhão precisa ser cerceado. PÁGINA 12

ZUENIR VENTURA

Com trauma de 64, todo cuidado é pouco. PÁGINA 13

EDUARDO CARVALHO

Por que não uma intervenção social? PÁGINA 13

FLÁVIA OLIVEIRA

Decisão traz mais dúvidas que certezas. PÁGINA 12

Joana D'Arc, a Personalidade do Ano

Em sua 13ª edição, o Prêmio Faz Diferença elegeu como Personalidade de 2017 a cientista Joana D'Arc Felb, que desenvolve pesquisas de ponta com alnanos. Ela e os destaques de 16 áreas recebem os prêmios em 28 de março, no Rio. CADASTRO ESPECIAL.

O GLOBO renova o time de colunistas em editorias

O GLOBO promove, a partir de amanhã, mudanças e uma reorganização do seu time de colunistas em várias editorias. PÁGINA 8

Roger Federer se torna o mais velho a liderar ranking

Ao vencer o holandês Robin Haase, em Roterdã, o tenista de 36 anos incluiu novo feito em sua vitoriosa trajetória. PÁGINA 32

NEW TUCSON TURBO GDI, ELEITO O MELHOR SUV PREMIUM DO BRASIL

SUPERANDO BMW X1, AUDI Q3, MERCEDES GLA, REXONA E DISCOVERY.

O New Tucson é tudo o que um SUV Premium deve ter. Conheça o novo líder em SUV Premium. www.hyundai.com.br

New Tucson Turbo GDI 2018 com teto solar panorâmico. **Bônus de até R\$ 7.000*** e versões a partir de **R\$ 125.900**

*Bônus sujeito a aprovação da CAOA. www.caob.com.br

Preço de venda sugerido no Estado do Rio de Janeiro - R\$ 5,00

Capa de O Globo, 17 fev. 2018. Fotografia: Givaldo Barbosa/Agência O Globo.

Anexo 6.

INFORMAÇÃO extra.globo.com

EXTRA 18 ANOS

SEGUNDA EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO
SEGUNDA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 2016
ANO XIX
NÚMERO 7.395

R\$ 1,25

**NÃO PERDEMOS 4 POLICIAIS NO HELICÓPTERO
PERDEMOS FÉLIX, CAMILO,
WILLIAN E ROGÉRIO**

SARGENTO FÉLIX Estava com casamento marcado para sábado e adorava fazer marifones com o filho

SUSEPENENTE CAMILO Sonhava ser militar desde menino. Tranquilo, evitava andar armado nas ruas

CAPITÃO WILLIAN Torcedor do Flamengo e praticante de jiu-jitsu. Era casado e tinha uma filha

MAJOR ROGÉRIO Casado e com duas filhas pequenas. Pilotar era uma de suas grandes paixões

E SÓ QUEM ESTÁ VENCENDO É A BARBÁRIE...

GOVERNINHO Parentes e amigos se reuniram em volta dos sete corpos achados na mata

Perícia não achou marcas de tiros no helicóptero nem nos policiais mortos

A Cidade de Deus amanheceu ontem com sete corpos e uma dúvida: os mortos foram uma reação da polícia à queda do helicóptero, como acusam os moradores, ou resultado da guerra entre tráfico e milícia? Segundo a Secretaria de Segurança, a operação na comunidade vai continuar por tempo indeterminado. **PÁGINA 1, 6 E 7**

União coloca Força Nacional à disposição do Rio; outro PM foi morto no Jacaré

COLUNISTA

DIRENEICE GEARA
Dívida de São Gonçalo chega a R\$ 600 milhões
PÁGINA 10

Motoristas do BRT entram em greve na quarta
PÁGINA 9

Ganhe convites para o Prêmio Extra de TV
PÁGINA 18

JOGO EXTRA

Cheirinho amargo no fim do sonho
O Fluminense saiu com o Coritiba e deu adeus às chances de título. Bolafofo e Fluminense se perderam por 1 a 0.

Garotinho faz cirurgia para desobstruir a artéria
O ex-governador fez uma angioplastia e colocou um stent para evitar novas obstruções. Ele está em observação, mas o quadro é estável. **PÁGINA 11**

SESSÃO EXTRA

Laranjinha e Acerola em fase madura
Darian Cunha e Douglas Silva voltam à Globo com os personagens de "Cidade dos Heróis" após 12 anos. **PÁGINA 15**

Anexo 7.

O GLOBO

QUINTA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO DE 2017 ANO XLIII Nº 20.343 Irisneu Marinho (1876-1925) (2004-2003) Roberto Marinho R\$ 0,45 ABERTO oglobo.com.br

Bombo no Postal

Fundo dos carteiros sofre intervenção

Alvo de denúncias de corrupção, com rombo de R\$ 7,4 bilhões e contas rejeitadas pelo conselho fiscal, o Postal, fundo de pensão dos Correios, sofreu intervenção da Previc, órgão regulador do setor. O fundo é o maior em número de participantes, com 418 mil. Os benefícios continuarão sendo pagos normalmente. **PÁGINA 19**

Aprovada demissão de servidores

A CCI do Senado aprovou regras para demissão de servidores por "insuficiência de desempenho". O texto ainda vai a outras comissões. **PÁGINA 21**

LYDIA NEDEIROS

Diretora-geral do grupo de estatais na UTI. **PÁGINA 2**

Ameaçado de extradição

Battisti é preso ao tentar fugir

Condenado à prisão perpétua na Itália, Cesare Battisti foi preso em Corumbá, quando tentava ir para a Bolívia, por causa de dívidas. Ele teve a permanência no Brasil dada pelo governo Lula, mas a Itália insiste na extradição. **PÁGINA 8**

Las Vegas pós-massacre

Onde fuzil é mais barato que celular

As lojas de armas de Las Vegas vendem fuzil a US\$ 498, menos que um celular moderno. E o movimento nas lojas continua normal após o massacre, relata o correspondente Horacio Gomes Barros. **PÁGINA 24**

GUGA CHAGRA

Reivindicar o ataque é desrespeito do Estado Islâmico. **PÁGINA 24**

Decisão do Supremo

Volta de presos ao Rio é rejeitada

O ministro Alexandre de Moraes, do STF, negou pedido da Defensoria Pública e rejeitou a volta de presos de unidades federais a seus estados. O Rio receberá 13 chefes de tráfico. **PÁGINA 13**

SOCIEDADE

NOBEL DE QUÍMICA

Diálogo do método de observação de biomoléculas, como vírus, dá prêmio a trio europeu. **PÁGINA 26**

ARMA CONTRA O ZIKA

Cientistas descobrem anticorpos contra infecção pelo zika. **PÁGINA 26**

FALTA UM MÊS PARA O ENEM

Professores indicam a melhor estratégia de estudos. **PÁGINA 27**

A DEFESA DO PRESIDENTE

Temer acusa Janot de tentar golpe

Em documento de 89 páginas entregue ontem à Câmara, o defesa do presidente Temer classificou a atuação do procurador-geral Rodrigo Janot, que apresentou a denúncia de obstrução de Justiça e organização criminosa contra ele, de "indecente e ilegal". Os deputados da BS Ricardo Saad e Joseley Batista são chamados de "iscariotes". O advogado do presidente afirma que a denúncia contra



Ne ataque. O presidente participa de cerimônia no Palácio: advogado de Temer apresentou defesa, rebatou as acusações e votou a atacar Janot, o procurador que fez denúncia

Temer é "instigativa de golpe", "armada e forçada". Os ministros Eliseu Padilha e Moreira Franco também apresentaram defesa. A Câmara deve apreciar a denúncia até o fim deste mês. **PÁGINA 7**

MÍRIAM LETRÃO

Para ficar no cargo, Temer precisa a política e aumenta o risco fiscal. **PÁGINA 20**

Fundo público de R\$ 2 bi para campanhas provoca impasse

Supremo amplia alcance da Lei da Ficha Limpa

Eleição do ano que vem também terá cláusula de barreira; fim de coligações proporcionais valerá em 2020

A Câmara aprovou ontem à noite, em votação simbólica, a criação de um fundo público de R\$ 2 bilhões para financiar campanhas eleitorais. A reação entre os próprios deputados, porém, levou a Mesa da Câmara a fazer nova votação, nominal, para confirmar ou não o fundo. O STF tornou mais rigorosa a Lei da Ficha Limpa. Por seis votos a cinco, os ministros decidiram



—Menos, Gilmar, menos...

que o veto a candidaturas de políticos condenados em segunda instância valesse também para os que tiveram sentença antes da aprovação da lei, em 2010. A decisão será aplicada a outros processos que tramitam nos tribunais de todo o país. O julgamento que pode autorizar ou não candidaturas avulsas, de candidatos não filiados a partidos, foi adiado para hoje. **PÁGINAS 3 e 4**

EDITORIAL

'Senado tem de preservar o bom senso'

PÁGINA 14

STF deverá dar ao Congresso palavra final sobre punições

PÁGINA 6

ESPORTES

SELEÇÃO A VEZ DO VERSÁTIL COUTINHO

Capaz de dar alternativas táticas a Tite, Philippe Coutinho está titular hoje, às 17h, contra a Bolívia. **PÁGINA 30**

SEGUNDO CADERNO

'BLADE RUNNER' 35 ANOS DEPOIS, OS REPLICANTES

Sequência do clássico de 1982 tem Ryan Reynolds no papel de um policial que encontra o agente vindo por Harrison Ford.

A ARTE SE UNE CONTRA A CENSURA

Movimento articula vinda ao Rio de "Queermuseu", vetada pelo prefeito Crivella. Exposição poderá ser realizada no Parque Lage.

CORA RÓNAI

Há tempos não via um vídeo tão rouscabundo quanto o de Crivella.

Preço desta exemplar no Estado do Rio de Janeiro: R\$ 5,00

Anexo 8.



Recuperação econômica
Rio receberá 25% mais de royalties do petróleo

Em 2018, a previsão é que o governo do Rio e os municípios receberão R\$ 13,8 bilhões de royalties do petróleo, uma alta de 25% em relação a 2017. Só o estado deve receber R\$ 10 bi. E a previsão é de receita total de R\$ 48 bilhões até 2021. Mas economistas alertam que esta receita não é estável. **PÁGINA 2**

Respeito às mães
Presas grávidas irão para casa

O STF decidiu pôr em prisão domiciliar 4.500 gestantes ou mães de crianças de até 12 anos presas preventivamente. São 10% das detentas no país. E o ministro Barroso transferiu duas transtis para cadeia feminina. **PÁGINA 3**

Tornezeleira eletrônica
STJ manda soltar Wesley Batista

A Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça determinou a soltura do empresário Wesley Batista, um dos donos da FJIS, irmão de Joesley, preso desde setembro. Ele será monitorado com tornezeira eletrônica e não pode ir à empresa. **PÁGINA 4**

Guerra sem fim
Ataque mata 58 crianças na Síria



A ONU apela pelo fim dos bombardeios do governo sírio ao reduto rebelde de Ghouta Oriental, perto de Damasco, que já mataram 250 pessoas, entre elas 38 crianças. **PÁGINA 5**

SEGUNDO CADERNO
EM QUEDA O SOLO TRISTE DA GUITARRA
 Com a fabricante Gibson em crise, músicos desistem o futuro do instrumento.

LEO AVERSA
 Uma rotina gaúrsa e os mistérios da vida.
PÁGINA 14

ECOS DA INTERVENÇÃO
Pacote de segurança prevê facilitar posse de arma

Projeto da bancada da bala elimina exigências do Estatuto do Desarmamento
 Texto autoriza compra para quem não tenha antecedentes criminais, desde que faça curso de tiro e exame psicotécnico; deputado já fala também em ampliar o porte

Um dos projetos do pacote de segurança em análise na Câmara dos Deputados prevê mudanças no Estatuto do Desarmamento para ampliar o número de pessoas que podem ter armas. O texto autoriza a posse de armaria para todos sem antecedentes criminais, desde que demonstrem capacidade técnica e sejam aprovados em teste psicotécnico. Em vigor há 15 anos, o estatuto determina que, para a compra, a pessoa deve declarar a "efetiva necessidade" das armas à Polícia Federal, o que é considerado subjetivo. O projeto, de autoria da bancada da bala, tem o respaldo do presidente da Câmara, Rodrigo Maia. O deputado Alberto Fraga, integrante desta bancada, diz que também está em debate a ampliação do porte de armas. **PÁGINA 6**



Atividade. O governador Pedro e o presidente Michel Temer no Complexo Naval de Itaguaí, no Rio após a intervenção na segurança pública ainda estão sendo discutidos pelo Executivo

Interventor ainda faz diagnóstico

O Comando Militar do Leste informou em nota que o grupo de assessoramento ao general Braga Netto, nomeado para cuidar da segurança pública no Rio, "está sendo formado", e que o CML ainda trabalha no diagnóstico da situação. A repercussão negativa sobre uso de mandados coletivos de busca e apreensão nas operações designadas ao Interventor. O sargento do Exército Bruno Cazaca, de 35 anos, foi baleado e morto num arrastão em Campo Grande. **PÁGINAS 10 e 11**

BERNARDO NELLO FRANCO TEMER JÁ É CANDIDATO? DIZ SEU MARQUETEIRO
ZUENIR VENTURA
 Jovens bandidos agem com requintes de crueldade. **PÁGINA 11**

Para Eliano Melo, se a intervenção der certo, "até vampirismo da Tulant pode virar atributo positivo". **PÁGINA 2**

Entrevistado antes de mergulhar **CRICK**

 — Tudo bem, minha filha, daqui a pouco a gente volta!
Chega ao fim novela da indicação de Cristiane Brasil **PÁGINA 7**

O NOVO ix35 NA OPINIÃO DE QUEM TEM:
"EU NÃO SAIO DO ix35 POR NADA"
 Felipe Guerra

 ix35, considerado o melhor SUV do Brasil na sua categoria.
Novo ix35 2018 com bônus de até R\$ 6.000,00
CAOA BYUNIORI

Projeto desta exemplar no Estado do Rio de Janeiro - R\$ 5,00

Capa de O Globo, 21 fev. 2018. Fotografia: Gabriel de Paiva/Agência O Globo.

Anexo 9.



QUARTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2018 ANO XLIII - Nº 30.928 Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho RIO DE JANEIRO oglobo.com.br



Nomeação de Moreira Franco dificulta venda da Eletrobras

Maia diz que governo escolheu nome sem 'boa articulação' no Congresso

Principal projeto do governo federal para arrecadar ao menos R\$ 12 bilhões neste ano, a privatização da Eletrobras deve ter andamento prejudicado na Câmara dos Deputados com a ida de Moreira Franco para o Ministério de Minas e Energia. O presidente da Casa, Rodrigo Maia, disse que o governo escolheu uma pessoa que "não tem boa articulação" no Congresso. O mercado reagiu mal às mudanças na equipe técnica da pasta. Moreira disse que espera a contribuição de Maia para aprovar o projeto, que tramita há quase um mês na comissão especial. **PÁGINA 23**

DINHEIRO RETIDO

Sem verba, intervenção suspende 63 ações no Rio

Burocracia trava liberação de R\$ 1,2 bilhão em Brasília

Nomeação de parte da equipe do interventor, general Braga Netto, ainda não foi publicada no Diário Oficial

A intervenção federal na Segurança do Rio ainda não recebeu a verba de R\$ 1,2 bilhão prometida pelo presidente Michel Temer há duas semanas. O problema, segundo o interventor, general Walter Braga Netto, é burocrático: parte de sua equipe não teve a nomeação publicada no Diário Oficial. Sem o dinheiro, 63 operações tiveram que ser suspensas. A questão foi discutida ontem em reunião no Ministério da Defesa com 20 deputados da bancada fluminense, que cobraram plano de trabalho e informações sobre o uso da verba. Em nota, a Casa Civil disse que os cargos pretendidos pela intervenção estão sendo criados pelo Planejamento, e terão que ser aprovados pelo Congresso. **PÁGINA 21**

Rediscussão de prisão em segunda instância é adiada

O ministro Marco Aurélio Mello frustra a defesa do ex-presidente Lula sobre a possibilidade de que o STF retomasse hoje o debate sobre prisão em segunda instância, adiado por terminarem uma semana, a pedido do autor da ação. **PÁGINA 9**

STF decide na terça-feira se Aécio vira réu por propina

PÁGINA 6

Supremo manda Cabral de volta para prisão do Rio

Por 3 votos a 1, a Segunda Turma do STF determinou a volta de Sérgio Cabral para um presídio do Rio. Em janeiro, ele havia sido transferido para Curitiba. **PÁGINA 4**

Tentativa de resgate de presos deixa 21 mortos no Pará

Menos de 24 horas após o resgate de 14 homicídios em Belém, 21 pessoas morreram numa tentativa de resgate de presos em penitenciária da capital paraense. **PÁGINA 12**

Bancos facilitam quitação de dívida do cheque especial

Os bancos prometem oferecer uma linha de crédito mais barata para parcelar o débito de correntistas que estão 15% no mais do limite do cheque especial por 30 dias seguidos. Em dezembro, 3,7 milhões de pessoas estavam nessa situação. **PÁGINA 24**

ESPORTES

FESTA ROMANA

Italianos eliminam o Barcelona de Messi (3 a 0), e Liverpool despacha o City (2 a 1) na Liga dos Campeões. **PÁGINA 24**

Trump desiste de ir à Cúpula das Américas

Em mais um sinal da relação tensa que mantém com os países latino-americanos, o presidente Donald Trump cancelou sua ida à Cúpula das Américas, que começa na sexta, em Lima. Seu vice, Mike Pence, fará uma visita ao Brasil em maio. **PÁGINA 27**

SEGUNDO CADERNO

TRISTE REALIDADE

Documentário sobre mortes por ação policial no Rio é um dos destaques do Festival E Toda Verdade, que começa amanhã.



LANÇAMENTO

ALL NEW **Tucson Tucson GDI**

DUAL CLUTCH 7 VELOCIDADES 2019

ELEITO O MELHOR SUV PREMIUM DO BRASIL

Supremacia. Mais de 20 anos de liderança. Equilíbrio e esportividade.

10 anos Tucson. Sobrevivendo com elegância e sofisticação. O melhor SUV Premium do mundo.

Veja mais na página 5.

Bônus de até 7 MIL Financiamento com 0% parcelado. Taxa a partir de **0,81%** a.a.

CAOA **HYUNDAI**

Edição de Brasília • Preço deste exemplar no Distrito Federal • R\$ 500

Anexo 10.

O GLOBO

QUARTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2018 APO XIIII Nº30549 Fênix Marinho (1876-1925) — 1904-2003 Roberto Marinho R. DE JANEIRO oglobo.com.br

Votação histórica
STF retoma hoje debate do foro privilegiado

Com o placar indicando oito votos a favor do fim do foro privilegiado para deputados e senadores, o Supremo Tribunal Federal retoma hoje a discussão do tema. Os parlamentares terão foco no STF só para crimes conexos no exercício do mandato e relacionados à função. **PÁGINA 9**

Venezuela e Moçambique
Calote ameaça exportações

O presidente do BNDES, Deyce Oliveira, afirmou que, se o governo não aprovar projeto de lei para cobrir a dívida de Venezuela e Moçambique, o banco terá de suspender crédito a exportações. O impacto seria de até US\$ 1,5 bilhão. **PÁGINA 19**

Em busca de uma vaga
Desempregado fica 24 horas na fila

No Dia do Trabalho, 30 mil pessoas enfrentaram fila no Argentina para disputar uma das cinco mil vagas oferecidas. Os primeiros chegaram com 24 horas de antecedência. **PÁGINA 20**

Desafios da China
Mais dinheiro, menos saúde

Com crescimento econômico chinês, população adota novos hábitos de consumo e hoje enfrenta problemas como obesidade, diabetes, obesidade e antibióticos. **PÁGINA 24**

Entrevista com Curitiba (2... de maio)



— O primeiro 1º de Maio na cadeia a gente não esquece, e eu sei porque já passei por isso — em 1907



Empenho. Equipes de resgate trabalham nos escombros do edifício que desabou no Centro de São Paulo. Uma igreja evangélica e um prédio vizinho ficaram danificados

REDUZIDO A ESCOMBROS

Incêndio expõe drama habitacional em SP

Em chamas, prédio desmorona e deixa 44 desaparecidos
 Abandonado em 2009, imóvel começou a ser ocupado há cinco anos; moradores contam que pagavam R\$ 400 de aluguel a movimento por moradia popular

Um incêndio levou ao desabamento de um prédio de 24 andares no Centro de São Paulo, na madrugada de ontem. Pelo menos 44 pessoas estão desaparecidas. Apresentaram-se aos assistentes sociais 372 sobreviventes, de 146 famílias que viviam no local. Pertencente à União, o edifício, abandonado desde 2009, começou a ser ocupado em 2013. Moradores contam que pagavam aluguel de R\$ 400 ao Movimento de Luta Social por Moradia. A tragédia expõe o drama habitacional em São Paulo. A Secretaria Municipal de Habitação estima um déficit de 358 mil moradias na capital paulista. Depois do incêndio, o Ministério Público informou que vai reunir inquérito que investiga a ocupação e o risco estrutural do imóvel. **PÁGINAS 24 e 27**



Operação retida. Segurança abre um escudo para proteger o presidente Temer, obrigado a sair rapidamente

Temer é hostilizado e sai às pressas

Com a intenção de dar apoio às famílias das vítimas, o presidente Michel Temer esteve no local da tragédia. Porém, teve que abreviar sua permanência. Depois de ser chamado de "golpista" e ter objetos arremessados contra sua comitiva, o presidente se viu obrigado a bater em retirada, sob a proteção de seguranças. **PÁGINA 7**

MERVAL PEREIRA
 Temer cometeu erros infantis em busca da superação da impopularidade. **PÁGINA 4**

ESPORTES
ABUSO NA GINÁSTICA O SILÊNCIO CAI

Apontado como omissa, técnico da seleção diz que havia rumores e grávidas sobre assédio de Fernando Lopes. **PÁGINA 28**

Incrível.
 Neymar Koro herói do Real



EUROPA CONHECE 1º FINALISTA
 Real Madrid despacha Bayern com 2 a 2 e espera rival hoje. **PÁGINA 26**

SEGUNDO CADERNO
TCHAU, CASA BRANCA O FIM DE 'SCANDAL'

Última temporada da série estrelada por Terry Washington (foto) estreia segunda no Brasil.



VerCopas.com.br

Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro: R\$ 5,00

Anexo 11.



Capa de Extra, 12 maio 2016. Fotografias: Reprodução/Adriano Machado, Reuters.

Anexo 11.

INFORMAÇÃO extra.globo.com

EXTRA

18 ANOS

SEGUNDA EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO
QUINTA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 2016
ANO XX
NÚMERO 7.584

R\$ 1,25

VOCÊ ACHA QUE O BRASIL TEM PROBLEMAS?



CHUPA ESSA, MUNDO

EUA elegem o bilionário Donald Trump, republicano com histórico de assédio a mulheres, que prometeu construir um muro contra imigrantes e não acredita no aquecimento global. **PÁGINA 10**



★ ★ ★

História em quadrinhos mostra as semelhanças entre Trump e políticos brasileiros

Servidor vence uma contra o pacote

• O presidente da Assembleia, Jorge Piciani, rejeitou a conta extra de 1,6% para todos os servidores, que nem será votada. A medida não evitou nova manifestação na porta da Alerj. **SERVIDOR, PÁGINAS 3 E 4**



Servidores tentaram invadir a Alerj, mas desta vez foram rechaçados com bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo

JOGO EXTRA
Jorginho não cai por falta do substituto
• Após ficar em hiato no Série B, Vasco já garante a saída do técnico em 2017. Ele ainda tem 3 rodadas com o time. **PÁGINA 14**

Bandidos sequestram pai e largam filho
PÁGINA 14

Remédio para Alzheimer evita efeitos da zika
PÁGINA 7

COLUNISTA
BERNICE GEARA
Filho de Piciani vai ser supersecretário de Pezão
PÁGINA 15

Anexo 12.

Tabela 1. Capas analisadas em O Globo e suas respectivas classificações atribuídas.

Data	Manchete	Fotografia	Legenda
12/05/2016	Favorável	Favorável	Favorável
13/05/2016	Favorável	Favorável	Neutra
17/05/2016	Favorável	Neutra	Neutra
24/05/2016	Desfavorável	Neutra	Desfavorável
02/06/2016	Desfavorável	Neutra	Neutra
16/06/2016	Desfavorável	Neutra	Neutra
30/08/2016	Favorável	Ambígua	Desfavorável
01/09/2016	Ambígua	Favorável	Neutra
03/09/2016	Favorável	Favorável	Favorável
08/09/2016	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
11/09/2016	Favorável	Neutra	Neutra
14/09/2016	Favorável	Favorável	Favorável
23/09/2016	Neutra	Desfavorável	Desfavorável
06/10/2016	Neutra	Ambígua	Neutra
10/10/2016	Favorável	Neutra	Neutra
22/11/2016	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
06/12/2016	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
12/12/2016	Ambígua	Neutra	Neutra
14/12/2016	Ambígua	Ambígua	Neutra
17/12/2016	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
23/12/2016	Neutra	Neutra	Neutra
18/01/2017	Neutra	Neutra	Neutra
22/01/2017	Neutra	Neutra	Neutra
10/03/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
11/03/2017	Neutra	Neutra	Ambígua
20/03/2017	Desfavorável	Neutra	Desfavorável
07/04/2017	Desfavorável	Desfavorável	Neutra
13/04/2017	Neutra	Desfavorável	Neutra
17/04/2017	Neutra	Neutra	Neutra
20/04/2017	Neutra	Desfavorável	Desfavorável
13/05/2017	Ambígua	Desfavorável	Neutra
18/05/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
22/05/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
31/05/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
01/06/2017	Desfavorável	Desfavorável	Neutra
10/06/2017	Desfavorável	Ambígua	Neutra
24/06/2017	Desfavorável	Neutra	Desfavorável

27/06/2017	Desfavorável	Neutra	Desfavorável
28/06/2017	Desfavorável	Ambígua	Ambígua
07/07/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
14/07/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
21/07/2017	Desfavorável	Neutra	Desfavorável
31/07/2017	Favorável	Ambígua	Favorável
30/08/2017	Neutra	Neutra	Neutra
15/09/2017	Desfavorável	Neutra	Ambígua
19/09/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
05/10/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
14/11/2017	Ambígua	Neutra	Ambígua
21/11/2017	Neutra	Desfavorável	Desfavorável
20/12/2017	Neutra	Ambígua	Neutra
18/12/2017	Neutra	Desfavorável	Neutra
05/01/2018	Neutra	Desfavorável	Ambígua
02/02/2018	Neutra	Neutra	Neutra
17/02/2018	Neutra	Neutra	Neutra
21/02/2018	Neutra	Desfavorável	Desfavorável
11/04/2018	Neutra	Desfavorável	Neutra
02/05/2018	Neutra	Desfavorável	Desfavorável

Tabela 2. Capas analisadas em Extra e suas respectivas classificações atribuídas.

Data	Manchete	Fotografia	Legenda
12/05/2016	Neutra	Ambígua	Ambígua
13/05/2016	Neutra	Desfavorável	Neutra
24/05/2016	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
01/09/2016	Neutra	Ambígua	Neutra
10/11/2016	Neutra	Desfavorável	Neutra
22/01/2017	Neutra	Neutra	Neutra
18/05/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
06/06/2017	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
31/07/2017	Neutra	Neutra	Neutra
03/08/2017	Ambígua	Desfavorável	Neutra